ISSN - 2184-7045

REVISTA da Casa de Goa

II Série - Número 6 - Set/Out 2020

II Series - Issue 6 - Sep/Oct 2020

Ficha Técnica

II Série, Número 6, Setembro-Outubro 2020

Diretor
Vasco Soares da Veiga

Conselho Editorial
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Colaboradores Residentes
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Colaboram neste número
Ekvat (Portugal)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Rene Barreto (Reino Unido)
Shastri Rodrigues Rebelo (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação
Juliano Martins Mariano

Assistente Editorial
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Direitos de propriedade reservados à Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Publicidade comercial - contacto: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Capa: antiga Escola Médico-Cirúrgica de Goa (cortesia de Óscar de Noronha)

Technical Datasheet

II Series, Issue 6, September-October 2020

Director
Vasco Soares da Veiga

Editorial Board
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Resident Contributors
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Contributors to this issue
Ekvat (Portugal)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Rene Barreto (United Kingdom)
Shastri Rodrigues Rebelo (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Diagramming
Juliano Martins Mariano

Editorial Assistant
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Copyright, Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

Commercial advertising - contact to: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Cover: former Goa Medical College (courtesy of Óscar de Noronha)

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1. Artigo Original (limite de 4000 palavras e 8 figuras)

2.2.2. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.3. Personalidade (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.4 Literatura (limite de 2500 palavras e 2 figuras)

2.2.5 Ecologia (limite de 2000 palavras e 4 figuras)

2.2.6 Opinião ou Crónica (limite de 1500 palavras)

2.2.7. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.8. Carta ao Diretor (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.9. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

2.2.10. Outros (limite de palavras depende do tipo de artigo e da decisão editorial)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos à aprovação do Diretor, enviados por correio eletrónico para casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico é opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês.

Se algum artigo original exceder o limite de palavras, este poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista. Em casos excecionais e por decisão editorial, o limite de palavras figuradas pode exceder o acima referido.

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, não sendo obrigatório para artigos com menos de 1500 palavras. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao da versão integral do artigo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos à apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

A publicidade comercial é paga

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e de divulgação livre.

NEWSLETTER

Publicada sem periodicidade regular, intercalar aos números regulares, de acordo com a oportunidade e necessidade de divulgação mais urgente de conteúdos, quer pela Casa de Goa, quer por instituições afins.

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections below, in which articles may have a limit of words and pictures.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1. Original Article (word limit 4000, maximum six figures)

2.2.2. Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.3. Personality (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.4. Literature (word limit 2500, maximum two figures)

2.2.5. Ecology (word limit 2000, maximum four figures)

2.2.6. Opinion or Chronicle (word limit 1500)

2.2.7. Interview (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.8. Letter to the Director (word limit 400, maximum one figure)

2.2.9. News (word limit 250, maximum one figure per new)

2.2.10. Miscellaneous (word limit depending on the type of article and editorial decision)

Publication Norms

Submitted articles should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

The articles are submitted to the Director for approval, sent by email to casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English.

If an original article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of the Revista da Casa de Goa. In exceptional cases and according to the editorial decision, the limit of words and figures may exceed the aforementioned.

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) with a limit of 150 words, respectively, not mandatory for articles with less than 1500 words. If the author is not skilled writing in both languages, the Revista da Casa de Goa makes the commitment to translate to the different language from the full version of the article.

All submitted articles are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, suggest changes, or not accept.

The commercial Publicity is paid

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora, associations and newspapers in Goa. The magazine is open access and free to be shared.

NEWSLETTER

It will be published without regular periodicity, in between the regular issues, according to the opportunity and need for more urgent information, either by Casa de Goa or by related institutions.

ÍNDICE | TABLE OF CONTENTS

Página
Page

EDITORIAIS

As realidades da nossa identidade | The realities of our identity – *Óscar de Noronha* **6-7**

A nossa revista, a nossa identidade | Our magazine, our identity – *Luis Pereira da Silva* **8-9**

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

Criação da Escola Médico Cirúrgica de Goa: dos contratempos e adversidades à realidade | Foundation of the Goa Medical School: from setbacks and adversities to reality - *José Filipe Monteiro* **10-19**

Emissora de Goa | Goa radio station - *Francisco da Purificação Monteiro* **20-25**

Feni – uma bebida inebriante | Feni – an inebriating drink – *Mário Viegas* **26-28**

GOESES ILUSTRES | OUTSTANDING GOANS

Francisco da Silva Teles - *Francisco da Purificação Monteiro* **29-31**

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Arvi Barbosa - *Ekvat* **32-38**

ECOLOGIA | ECOLOGY

Government frowns and Panaji drowns | Governo menospreza e Pangim afunda – *Joe D´Souza* **39-40**

ENTREVISTA | INTERVIEW

Inteview with Dr. António Mascarenhas | Entrevista ao Dr. António Mascarenhas – *Óscar de Noronha* **41-46**

CONTO | SHORT STORY

Chichundri – *Valentino Viegas* **47-52**

POEMA | POEM

Lockdown dilemma | Dilema do confinamento - *Shastri Rodrigues Rebelo* **53**

NOTÍCIAS E ADENDA | NEWS AND ADDENDUM

Livro "Goa - Roteiro de uma Viagem" | Book - "Goa Itinerary of a Trip" **54**

World Goa Day 2020 | Dia Mundial De Goa 2020 – *Rene Barreto* **55**

Adenda ao artigo "Chikal Kalo...", II Série, nº 5, 2020 | Addendum to the article "The Chikal Kalo...", II Series, Issue 5, 2020 **56**

PRÓXIMOS NÚMEROS | UPCOMING ISSUES

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

The Goa Medical School and its importance for the history of Portuguese Medicine | A Escola Médico-Cirúrgica de Goa e a sua importância para a história da Medicina portuguesa - *José Filipe Monteiro*

A Escola Médico-Cirúrgica de Goa no meu álbum de família | The Escola Médico-Cirúrgica de Goa in my family album – *Ivo Álvares Furtado*

The Handi Fest in Maina – Curtorim | A festa Handi em Maina – Curtorim - *Celina de Vieira Velho e Almeida*

GOESES ILUSTRES | OUTSTANDING GOANS

Acharya Dharmanda Damodar Kosambi: vida e obra | Acharya Dharmanda Damodar Kosambi: life and achievement - *Francisco da Purificação Monteiro*

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Rosário de Figueiredo: um valor da nossa comunidade | Rosário de Figueiredo: a value from our community - *Mário Viegas*

ECOLOGIA | ECOLOGY

Unhealthy, unsustainable development killing Goa and Goans | Desenvolvimento insalubre e insustentável matando Goa e goeses - *Joe D´Souza*

OPINIÃO | OPINION

Pausas de Leitura | Reading Breaks – *José Manuel M. Fernandes*

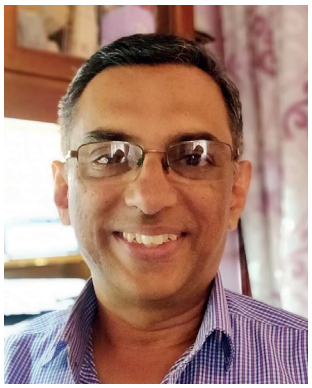
CONTO | SHORT STORY

A journey from Goa to Bombay gone awry | De Goa a Bombaim: uma viagem de equívocos – *António Gomes*

Vou fazer anos | I will celebrate my birthday – *Valentino Viegas*

ENTREVISTA | INTERVIEW

Inteview with Sonia Shirsat | Entrevista a Sonia Shirsat – *Óscar de Noronha*



Óscar de Noronha

Editor Associado

Associate Editor

AS REALIDADES DA NOSSA IDENTIDADE

As minhas primeiras palavras são de agradecimento pelo honroso convite que me foi feito de integrar o conselho editorial desta dinâmica Revista, e de saudações aos leitores. Aceitei-o de bom grado por se tratar de um elenco de obreiros culturais com quem doravante poderei colaborar mais estreitamente. E, pela obra feita, os meus parabéns e votos de longa vida à Casa e à sua Direcção.

Para além desses laços que me unem à Revista da Casa de Goa, é a própria terra e cultura de Goa que me acenam. Vivo no meu torrão natal, porém, não pretendo conhecê-lo melhor do que outros que não têm esse ensejo. E nem se pode dizer que os que se ausentam por força das circunstâncias têm menos amor à terra dos seus antepassados. No nosso caso, o que vale é ter o coração sempre a bater por Goa.

Mais. Não é somente o sangue que determina a cidadania cultural. Goa, que conheceu outros povos e culturas, poderia comprovar que no decurso da sua longa história foram muitos que se apaixonaram por ela. Ainda hoje, há pessoas que têm um enternecedor amor, dir-se-ia mesmo uma ligação espiritual com ela. A nós cumpre enaltecer e perpetuar o que há de nobre nesse talismã que se chama Goa.

Podemos dizer, sem receio de errar, que Goa é ao mesmo tempo terra e estado de espírito. E quem somos nós? Na feliz frase de António Colaço, "somos uma pequena e grande família. Não há aqui

THE REALITIES OF OUR IDENTITY

I would first like to gratefully acknowledge the honourable call to join the editorial board, and to greet the esteemed readers of this dynamic magazine. I gladly accepted the invitation coming as it did from a set of cultural workers with whom I would be able to collaborate more closely. I salute Casa de Goa and the Management for their accomplishments and wish them a bright future!

But it's not only the Revista da Casa de Goa, it's the very land and culture of Goa that beckons me. I live in Goa but don't pretend to know it any better than others who are away. And the fact of being away from one's land through force of circumstance doesn't make anyone less of a Goan. After all, what matters is a heart beating for Goa.

That is to say, cultural citizenship isn't determined by blood alone. Goa encountered diverse peoples and cultures down the centuries, and a great many fell in love with her. Even now, there are hearts full of tender feelings, or one might even say, a spiritual connection with the land. We must therefore commend and carry on with whatever is remarkable about this talisman called Goa.

The fact is that Goa is both a land and a state of mind. And who are we? In António Colaço's felicitous description, "we are a small and large family. There are no Hindus, Muslims or Christians here. There are only Goans." We must safeguard unity, and keep it alive in both Goa and Lisbon, in the traditional kulls *or boarding houses found in Indian cities as well as in the cultural and sports associations of Goans around the world.*

hindus, moiros ou cristãos. Há só Goeses". Importa salvaguardar a nossa irmandade, deixando-a viva tanto em Goa como em Lisboa, enfim, em todos os lugares onde se encontram os Goeses, desde os tradicionais *kulls* ou clubes nas metrópoles indianas até às associações culturais e desportivas dos goeses espalhados pelo mundo.

Neste particular, devem Goa e Lisboa assumir um papel de liderança. Essa liderança se impõe pelo facto de serem elas os pilares da universal Casa e Espírito de Goa. Graças a Lisboa, a minúscula Goa foi em tempos o ponto de encontro do Oriente e Ocidente: aí se fundiram as culturas lusa e indiana; aí dois mundos se trocaram; aí se deu aquilo que Gilberto Freyre designou de "milagre sociológico". Goa e Lisboa foram mesmo precursores da globalização.

Fica assim bem clara a acção pioneira que tiveram Goa e Lisboa no conhecimento mútuo das sociedades e culturas. Em ambas as cidades o elemento local se tornou universal, e vice-versa. Como agentes de transformação dos povos que mal se conheciam; como modelos de paz e amor fraterno, Goa e Lisboa têm os seus nomes escritos em letras douradas. Só que jamais se pode falar de *amchém bhangarachém Goem* – "nossa Goa dourada" – nem Lisboa se pode gabar de capital cultural sem problemas.

Nessas voltas que o mundo dá, festejemos a nossa identidade, cantando os louvores à língua e literatura, música e arquitectura, indumentária e culinária, às nossas seculares instituições e tradições, mas reconheçamos também as novas realidades…. Aquilo a que chamamos Goa, existe ela na realidade, ou é uma simple miragem? Se existe, até quando será ela goesa? E esse espírito, estaria ele claro ou cada vez mais nebuloso?

Nesse sentido, urge uma conscientização e relevante acção. Consistiria em viver com amor ao torrão natal; valorizar o seu património; salvar o meio ambiente; cultivar as terras com engenho e alegria; e acima de tudo, participar activa e patrioticamente na governação, com plena consciência dos valores subjacentes à cultura goesa.

Nesta Revista e noutros lugares, enquanto delineamos o nosso ideal, trabalhemos com os corações unidos em volta desta louvável causa comum.

Goa and Lisbon may well assume a leading role in that regard. As pillars of the universal Home and Spirit of Goa, their leadership is of the essence. Thanks to Lisbon, tiny Goa was once a meeting point for East and West: Portuguese and Indian cultures merged there; there was an exchange of worlds; and, as Gilberto Freyre put it, a "sociological miracle" took place... All of which qualifies Goa and Lisbon as true precursors to globalisation.

In effect, Goa and Lisbon prepared the way for the mutual understanding of societies and cultures. In both cities the local element turned universal, and vice-versa. As agents of the transformation of peoples who were strangers to each other; as models of peace and fraternal love, Goa and Lisbon have their names written in gold. But alas, today one can't speak of amchem bhangarachem Goem *or "golden Goa" any more than Lisbon can claim to be a cultural capital without glitches.*

Nevertheless, the world moves on. While we celebrate our identity, and rave about our language and literature, music and architecture, clothing and cuisine, our age-old institutions and traditions, and so on, let's also try and have a grasp of the new realities: let's check if what we have always known as Goa does exist in reality or is just a mirage... Or if Goa does exist, how long will she remain Goan? And that ineffable spirit – is it still burning bright or turning increasingly cloudy?

Goa is indeed at a crossroads. Awareness and action is the need of the hour. Let's foster an abiding love for the land; value our heritage; help to save the environment; cultivate the soil with ingenuity and joy, and generously and patriotically participate in governance, conscious of the values underlying our culture.

Finally, while we keep articulating our deepest ideals here in this magazine and elsewhere, let's stand behind the worthy Goan cause and go forward together with our united strength.

Luís Pereira da Silva

Editor Associado

Associate Editor

A NOSSA REVISTA, A NOSSA IDENTIDADE

As primeiras palavras são de boas vindas a Óscar de Noronha, que passa a fazer parte do Conselho Editorial. São também de agradecimento pelo que Óscar de Noronha contribuiu para impulsionar a renovação desta II Série, iniciada em Novembro de 2019.

Apostámos em difundir a Revista da Casa de Goa em Goa e na diáspora. Por isso, a revista passou a ser bilingue (português e/ou inglês), tornando-se muito mais acessível aos destinatários alvo. Deu frutos. Num curto espaço de tempo passámos a ter a colaboração regular de autores de Portugal e de Goa. O interesse e o entusiasmo aumentaram e atualmente já temos em carteira artigos que preenchem, pelo menos, o número que se segue.

Mantivemos o foco na preservação da identidade e cultura de Goa, fáceis de reconhecer pela maneira de ser do goês, pacífica, em harmonia com a natureza e convivência respeitosa entre credos, asseio das aldeias, culinária inconfundível e, sobretudo, o Concani, o seu ADN, sabendo-se que a língua-mãe é que faz uma nação.

A atual estratégia editorial apostou na qualidade, diversidade e equilíbrio. Cada número passou a conter secções que abrangem temas de fundo e de pesquisa, artigos de opinião, artigos sobre a defesa do ambiente

OUR MAGAZINE, OUR IDENTITY

My first words welcome Óscar de Noronha, who joins the Editorial Board and also to thank for his contribution in implementing the renewal of the II Series, started on November 2019.

We are committed to spreading the Revista da Casa de Goa to Goa and the diaspora. With this in mind, the magazine was redefined becoming bilingual (Portuguese and/or English), turning it more accessible to the target recipients. This strategy has been fruitful. In a short period of time, we started receiving regular contribution of authors from Portugal and Goa. The interest and enthusiasm have increased and currently we have articles in portfolio to fill the upcoming issue.

We maintained the focus on preserving the identity and culture of Goa, easy to recognize in the way of living of Goans, which is peaceful, in harmony with nature and in respectful coexistence between religions, cleanliness of their villages, unique cuisine and, above all, Konkani, the Goan DNA, knowing that the mother tongue is what makes a nation.

The current editorial strategy bets on quality, diversity and balance. Each issue now contains sections covering original and research topics, opinion articles, articles on environmental protection and current affairs, reference to illustrious Goans in various fields, poetry and interviews with prominent figures on relevant topics.

In this number, I invite you to read interesting articles

e a atualidade, alusão a goeses que sobressaíram em vários domínios, poesia e entrevistas a figuras proeminentes sobre temas pertinentes.

Neste número, convido-o a ler os interessantes artigos sobre: a Escola Médico-Cirúrgica de Goa e a resiliência que permitiu a sua sobrevivência e formar inúmeros médicos ilustres; a Emissora de Goa, um marco da história radiofónica do território; o Feni, néctar destilado com o saber dos goeses; Francisco da Silva Teles, goês ilustre e multifacetado que brilhou em Portugal; Arvi Barbosa, o engenheiro informático, músico e amigo, recordado pelo Ekvat; o flagelo das cheias em Pangim e as medidas que já deveriam ter sido tomadas para as mitigar; ainda sobre a preservação do ambiente, o alerta para a atual ameaça às dunas do território; Chichundri, o conto que relata um goês que emigrou e experimentou dúvidas sobre a sua identidade; para terminar, o dilema do confinamento Covid 19, contado em poema.

Boa leitura e até ao número 7 (Novembro-Dezembro 2020), cujo anunciado índice aguça-nos a curiosidade…

on the former Goa Medical-Surgical College and its resilience that allowed it to survive and to train countless illustrious doctors; the Goa Radio Station, a landmark in the radio history of the territory; on Feni, a nectar distilled with the know-how of Goans; Francisco da Silva Teles, an illustrious and multifaceted Goan who shone in Portugal; Arvi Barbosa, the computer engineer, musician and friend, remembered by Ekvat; the scourge of floods in Panjim and the measures that should have already been taken to mitigate them; still on the preservation of the environment, the warning for the current threat to the dunes of the territory; Chichundri, the tale of a Goan who emigrated and experienced doubts about his identity; to conclude, the dilemma of the Covid 19 confinement, told in a poem.

I wish you a happy reading and hope to see you again in the issue 7 (November-December 2020), with an announced table of content that sharpens our curiosity...

Criação da Escola Médico Cirúrgica de Goa: Dos Contratempos e Adversidades à Realidade

FOUNDATION OF THE GOA MEDICAL SCHOOL: FROM SETBACKS AND ADVERSITIES TO REALITY

José Filipe Monteiro

Editor Associado e Fundador da Casa de Goa

Associate Editor and Founder of Casa de Goa

À memória do meu pai, Agostinho Monteiro, que em 1933, com 22 anos, se formou na Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa

To the memory of my father, Agostinho Monteiro, who in 1933, aged 22, graduated from the Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa

Prólogo

Oficialmente, a criação da Escola Médico-Cirúrgica (EMC) de Nova Goa deu-se com a publicação da portaria de 5 de Novembro de 1842, pelo Conde das Antas, 89º Governador da Índia.

No entanto, em Portugal continental, a sua existência só seria reconhecida formalmente pelo conselho Ultramarino em 1847, no reinado da Sua Majestade D. Maria II.

Na minha opinião, para se compreender todo o processo da criação da EMC, devemos ter como ponto de partida uma visão abrangente do contexto sanitário na Goa quinhentista, pois só assim estaremos em condições de poder compreender o processo da formação da EMC e as dificuldades que tiveram de ser superadas mesmo após a sua formalização e implantação.

Enquadramento sanitário na Goa quinhentista

A Goa quinhentista, na altura da conquista por Afonso de Albuquerque em 1510, não era o território

Prologue

Officially, the creation of Goa Medical School (GMC) of Nova Goa took place with the publication of the ordinance of 5 November 1842, by Conde das Antas, 89th Governor of India.

However, in mainland Portugal, its existence would only be formally recognized by the Overseas Council in 1847, during the reign of His Majesty D. Maria II.

In my opinion, in order to understand the whole process of GMC foundation, we must take as a starting point a comprehensive view of the health context in 16th century Goa, because only then, will we be able to understand the process of creation GMC and the difficulties that had to be overcome even after its formalization and implantation.

Sanitary framework in 16th century Goa

In the 16th century, Goa, at the time of the conquest by Afonso de Albuquerque in 1510, was not the geographical territory it is today; it was an island - the island of Goa or Tissuary / Tiswadi, which in agreement means thirty villages - formed by two arms of the sea, the Mandovi

Figura 1. Conde das Antas

geográfico que é hoje; era uma ilha – ilha de Goa ou Tissuary/Tiswadi, que em concanim significa trinta aldeias – formada por dois braços de mar, o Mandovi ao norte e o Zuari pelo lado sul. Tinha 20 quilómetros de comprimento e 5-6 quilómetros de largura média, com um perímetro de 35 a 40 quilómetros.

Neste território, como em quase toda a península indostânica, o exercício da medicina ou a arte de curar, estava ligado à tradição ayurvédica. Este termo deriva do sânscrito e significa "ciência da vida" – é o mais antigo sistema de saúde de que se tem notícia. Com cerca de 7 mil anos de história, sua origem remonta ao território onde hoje ficam a Índia e o Paquistão.

Conhecida como a mãe da Medicina, a prática Ayurveda foi a base para o posterior desenvolvimento da medicina tradicional chinesa, árabe, romana e grega.

A sua génese reside em manter o equilíbrio do indivíduo consigo mesmo, com a natureza e com os outros seres[1] .

Em finais de Novembro de 1510, quando Albuquerque conquista a cidadela de Goa, esta prática de medicina tradicional, assim como uma parte muito significativa das doenças tropicais eram totalmente

to the north and the Zuari on the south side. It was 20 kilometres long and 5-6 kilometres medium in width, with a perimeter of 35 to 40 kilometres.

In this territory, as in almost the entire Hindustani peninsula, the practice of medicine or the art of healing, was linked to the Ayurvedic tradition. This term derives from Sanskrit and means "science of life" - it is the oldest known health system. With about 7 thousand years of history, its origin goes back to the territory where today India and Pakistan are located.

Known as the mother of medicine, Ayurvedic practice was the basis for the further development of traditional Chinese, Arabic, Roman and Greek medicine.

Its genesis lies in maintaining the individual's balance with himself, with nature and with other beings[10] .

In late November 1510, when Albuquerque conquered the citadel of Goa, this practice of traditional medicine, as well as a significant part of tropical diseases, was totally unknown to the Portuguese.

In addition to this reality, it is also necessary to consider that climatic conditions and nutrition low in proteins were very adverse elements in terms of health.

The insalubrity of the territory, to which the population density, the lack of hygiene and the lack of medical assistance, which at the time had little knowledge of tropical pathology, contributed to the significant morbidity and mortality. To have an idea of loss of life, in a period of a century and a half (1540-1691), 10 viceroys and governors died in Goa, and in a period of thirty years (1602-1632) about 1000 soldiers died. In a span of a century, the population had dwindled from 400,000 to

Figura 2. Escola Médico-Cirúrgica | *The Goa Medical School*

desconhecidas dos portugueses.

Para além desta realidade, há também que ter em conta que as condições climáticas e a nutrição parca em proteínas. eram deveras adversas em termos sanitários.

A insalubridade do território, para a qual contribuía a densidade populacional, a falta de higiene e a exígua assistência médica, que na altura era pouco versada na patologia tropical, estava na origem da morbilidade e mortalidade muito significativas. Para se ter uma ideia, num período de século e meio (1540-1691), faleceram em Goa 10 vice-reis e governadores e, num período de trinta anos (1602-1632) faleceram cerca de 1000 soldados. Num espaço de um século a população passou de 400 000 a 40 000 habitantes.

Este morticínio levou a que o Conde de Alvor exclamasse "Goa é o cemitério dos portugueses"

Instalações hospitalares

Contudo, na origem desta grande letalidade não estava a exiguidade de instalações hospitalares, pois mal consumado o domínio da cidade, Afonso de Albuquerque mandou construir, próximo da capela de Santa Catarina, uma fileira de casas térreas, onde foram recolhidos os seus soldados doentes. Foi-lhes providenciado um enfermeiro, remédios e preparados. Era o **Hospital Real[2] .**

Apesar de ter nascido pequeno e modesto, mereceu todo o empenho na manutenção e melhoria, não só do seu fundador bem como do próprio rei de Portugal, pelo que foi progressivamente ampliado e melhorado e, em 1593, foi construído, no mesmo sítio, um novo e majestoso palácio de dois andares. A fachada tinha uma lápide com a legenda.

Hospital Real do Espírito Santo da Cidade de Goa, amparo de toda a India e remédio de toda a soldadesca.

Todo o seu interior, bem como os cuidados médicos e os desvelos proporcionados aos doentes, levou a que o hospital adquirisse a fama de não haver outro melhor no mundo.

O quadro clínico era composto de 1 físico-mor, 2 médicos, 2 cirurgiões e um cirurgião com a qualificação de cirurgião-mor de estado.

A farmácia era fornecida de Lisboa ou da feitoria

40,000.

This slaughter led the Count of Alvor to exclaim "Goa is the cemetery of the Portuguese".

Hospital facilities

However, it was not the lack of hospital facilities that was the main reason of this great lethality, since no longer the domain of the city had been accomplished, Afonso de Albuquerque had a row of single-storey houses built near the Santa Catarina chapel, where his sick soldiers were collected. It was the ***Royal Hospital***[1] *, provided with a nurse, medicines, and potions.*

Despite being born small and modest, it deserved all the efforts, not only from its founder but from the king of Portugal himself, in maintenance and conservation, so it was progressively expanded and improved and, in 1593, a new building was built on the same site. A majestic new two-story palace. The facade had a headstone with the following caption on it.

Royal Hospital of the Holy Spirit of the City of Goa, shelter of all India and relief for all soldiers.

The entire interior, as well as the medical care provided to patients, led the hospital to acquire the reputation of having no other better in the world.

The medical staff consisted of 1 chief physicist, 2 doctors, 2 surgeons and a surgeon with the status of chief surgeon of state.

The pharmacy was supplied from Lisbon or from a trading post in Surrat. It was also open to the public. It had 1 first pharmacist and 2 seconds and some practitioners.

In the hospital grounds there was a plot of land intended for the botanical garden and instruction for medical students.

Initially, Santa Casa da Misericordia oversaw the administration of the hospital until 1591, when the responsibility passed on to the Jesuits until 1759, when they were expelled from Goa. In 1688 for a short period, it was the Order of S. João de Deus responsible for its management.

With the expulsion of the Jesuits, the hospital that was common to civil and military society, became, under the license of the viceroy Conde de Ega, of November 28, 1760, to be only Military Hospital. At this time, as a result of the epidemic, the city depopulated and the hospital deteriorated in such a way that it was transferred to the

de Surrate. Estava aberta também ao público. Tinha 1 primeiro farmacêutico e 2 segundos e alguns praticantes.

No recinto do hospital havia um terreno destinado para o horto botânico e instrução dos estudantes de Medicina.

A administração do hospital esteve, inicialmente, a cargo da Santa Casa da Misericórdia até 1591, quando os jesuítas passaram a ser os responsáveis pela sua administração, até 1759, altura em que foram expulsos de Goa. Em 1688 por um curto período, foi a Ordem de S. João de Deus a responsável pela sua gestão.

Com a expulsão dos jesuítas, o hospital que era comum à sociedade civil e militar, passou, por alvará do vice-rei Conde de Ega, de 28 de Novembro de 1760, a ser somente Hospital Militar. Nesta época, em resultado da epidemia, a cidade despovoou e o hospital degradou-se de tal maneira que foi transferido para o colégio de S. Roque e, daí, em 1765 para Panelim.

Em Abril de 1841, o governador Lopes da Lima, transferiu o hospital de Panelim para Panjim. Nesta cidade foi criada a Junta de Saúde Pública e o Instituto Vacínico e, por último, a Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa.

Até à expulsão das ordens religiosas, os enfermos foram tratados pelos seguidores de S. João de Deus. Os cuidados foram muito desleixados com a saída dos cuidadores daquelas organizações.

As acomodações nas enfermarias deterioram-se significativamente, principalmente a ventilação das enfermarias que era pouco apropriada e propícia à disseminação das infecções.

Outros hospitais

Para além deste hospital, havia outros estabelecimentos hospitalares na Velha Cidade[2], nomeadamente o **Hospital de São Lázaro**, onde se recolhiam os leprosos. Foi fundado em 1530-31 e administrado pela Santa Casa da Misericórdia. Foi nesta instituição sanitária que S. Francisco Xavier fazia voluntariado prestando auxílio aos doentes durante o período da noite. O hospital encerrou as portas em 1840 e, a partir daí começou a decair rapidamente e, em poucos anos se viu reduzido a

Figura 3. Capela da Santa Catarina construída por Afonso de Albuquerque em 1510 para comemorar a conquista de Goa | *Chapel of Santa Catarina built by Afonso de Albuquerque in 1510 to commemorate the conquest of Goa. (courtesy of Oswaldo Velho)*

college of S. Roque and, from there, in 1765 to Panelim.

In April 1841, Governor Lopes da Lima transferred the hospital from Panelim to Panjim. In this city, the Board of Public Health and the Vaccine Institute were created, and finally, the Medical and Surgical School of Nova Goa.

Until the expulsion of religious orders, the patients were treated by the followers of S. João de Deus. Care was very sloppy with the departure of caregivers from those associations.

Accommodation in the wards deteriorated significantly, mainly the ventilation of the wards, which was inappropriate and conducive to the spread of infections.

Other hospitals

*In addition to this hospital, there were other hospital establishments in Old Goa[2], namely the **Saint Lazarus Hospital**, where lepers were collected. It was founded in 1530-31 and administered by Santa Casa da Misericordia. It was in this health institution that S. Francis Xavier volunteered, helping the sick during the night. The hospital closed its doors in 1840 and from then on it began to decay quickly and, in a few years, it was reduced to ruins.*

ruínas.

Em 1547, foi fundado pela Santa Casa da Misericórdia o **Hospital de Todos os Santos**, para o tratamento dos pobres.

Por último, o Conde de Linhares mandou construir às suas expensas um hospital, contíguo ao de Todos os Santos, sob a invocação de N. S. da Piedade. Por essa razão passou a ser denominado de **Hospital de Todos os Santos e de Nossa Senhora da Piedade.**

Os hospitais administrados pela Santa Casa fundiram-se num só, sob a denominação dos **Hospitais de Pobres**, e passaram, desde 1851, a ter a sua sede em Ribandar.

Génese da Escola Médico-Cirúrgica de Goa

A criação da EMC foi um continuum de intenções e quereres, com avanços e recuos, ao longo de várias décadas ou mesmo séculos. Este longo período que esteve na origem da sua fundação foi analisado através das mais variadas perspectivas; para uns a sua fundação estava unicamente centrada num projecto de interesses coloniais em que a medicina clássica seria instrumentalizada para sujeitar e educar os comportamentos das populações locais[3] , para outros, a cultura médica nativa, baseada fundamentalmente nos conhecimentos da fitoterapia em conjunção com medicina clássica poderia ser útil, em termos sanitários, quer para as populações autóctones quer para os portugueses que se aventuravam a colonizar aquelas terras de climas inóspitos[4]. Na opinião dos principais cronistas desta escola, os professores Germano Correia e João Pacheco de Figueiredo, a sua fundação seria o culminar de esforços, por parte dos portugueses, para promover o ensino médico na Índia[5] .

Roteiro da Fundação

Apesar de algumas diligências no sentido de atribuir a Garcia de Orta o estabelecimento da EMC que chegou a Goa em 1542, o certo é que não existe qualquer documento que atribua a este físico ou a qualquer físico-mor a responsabilidade do ensino de Medicina ou Cirurgia em Goa.

A primeira referência para o ensino da Medicina é atribuída a uma carta do Vice-Rei D. Cristóvão de

*In 1547, the **All Saints Hospital** was founded by Santa Casa da Misericordia to treat the poor.*

*Finally, the Count of Linhares had a hospital built at his own expense, contiguous to that of **All Saints**, under the invocation of Our Lady of Piety. For this reason, it came to be called the **All Saints and Our Lady of Piety Hospital.***

*The hospitals managed by Santa Casa merged into one, under the name of **Hospitals of the Poor**, and since 1851, had their headquarters in Ribandar.*

Genesis of the Goa Medical School

The creation of GMC was a continuum of intentions and wants, with advances and setbacks, over several decades or even centuries. This long period that was at the origin of its foundation has been analysed from a variety of perspectives; for some, its foundation was solely centered on a project of colonial interests in which classical medicine would be used to subject and educate the behaviour of local populations[12] , for others, the native medical culture, based primarily on the knowledge of herbal medicine in conjunction with classical medicine could be useful, in sanitary terms, both for the indigenous populations and for the Portuguese who ventured to colonize those lands of harsh climates[13] . In the opinion of the main chroniclers of this school, professors Germano Correia and João Pacheco de Figueiredo, its foundation would be the culmination of efforts by the Portuguese to promote medical education in India[14] .

Foundation Roadmap

Despite some efforts to attribute to Garcia de Orta who arrived in Goa in 1542 the establishment of the GMC, the truth is that there is no document that assigns this physicist or any other major physicist of that era, the responsibility of teaching Medicine or Surgery in Goa.

The first reference for the teaching of Medicine is attributed to a letter from Viceroy D. Cristóvão de Sousa Coutinho in 1687, in which this ruler asks "two or three masters to teach Medicine to many natives, who are very acute and with ease would learn it "[15] .

Following this letter or not, the truth is that on March 23, 1691, the central government, by request made by the Viceroy of India, Rodrigo da Costa, appoints two facultative, Manuel Rodrigues de Sousa and Feliciano

Sousa Coutinho em 1687, em que este governante pede "dois ou três mestres para ensinar Medicina a muitos naturais, que são mui agudos e com facilidade a aprenderiam"[6] .

No seguimento desta missiva ou não, o certo é que a 23 de Março de 1691, o governo central, pela requisição feita pelo Vice-Rei da Índia, Rodrigo da Costa, nomeia dois facultativos, Manuel Rodrigues de Sousa e Feliciano Gonçalves, formados nas universidades portuguesas, como lentes, para iniciar o ensino médico-cirúrgico regular no antigo Hospital Real[7]. A comprovar estas nomeações, existe um documento onde consta que ao cirurgião-mor do estado era atribuída uma gratificação de dez mil reis mensais como Mestre ensinando Cirurgia na Índia[8].

Este curso não teve a regularidade desejada e, entretanto, houve médicos que ensinavam a ciência de curar particularmente. Os discípulos prestavam provas públicas perante o físico-mor e obtinham o diploma que lhes dava o título de Médico por sua majestade e autorização para exercer clínica.

Em 1774 e posteriormente em 1782 foram nomeados físico-mor para esse efeito, que, todavia, não chegaram a concretizar formalmente o início do ensino.

Em 1799 veio para a Índia o doutor António José de Miranda e Almeida, lente substituto da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, o qual estrutura um currículo para o ensino formal. O curso é ministrado" a partir de Dezembro de 1800, no Hospital Real, por um "Lente da Primeira" e um "Lente da Véspera". São vários os filhos da terra que são habilitados para o exercício da Medicina, entre

Figura 4. Hospital da Santa Casa da Misericórdia em Ribandar | *Hospital of Santa Casa da Misericórdia in Ribandar*

Gonçalves, trained in the Portuguese universities, as lenses, to start regular medical-surgical teaching at the former Hospital Real[16] . To prove these appointments, there is a document stating that the state's chief surgeon was awarded a bonus of ten thousand kings per month as a Master teaching Surgery in India[17] .

This course did not have the desired regularity. Meanwhile, there were doctors who taught the science of healing privately. The disciples gave public tests before the chief physicist and obtained the diploma that gave them the title of Doctor for his Majesty and authorization to practice.

In 1774 and subsequently in 1782, once again were appointed physicist for this purpose, who, however, did not formally achieve the desideratum of teaching.

In 1799, Dr. António José de Miranda e Almeida, substitute lens of the Faculty of Medicine of the University of Coimbra came to India. His mission was to framework a curriculum for formal education in Medicine. The course was taught from December 1800, at Hospital Real, by a "Lens of the First" and a "Lens of the Eve". Several students of the land were qualified for the practice of Medicine, among them Bernardo Peres da Silva who would, himself, be named Substitute Lens, by order of June 15, 1804, and later mayor of the State.

Doutor Miranda e Almeida returned to Portugal in 1826 and, until 1841, several physicists were appointed, but none of them, for one reason or another (political attitudes / intrigues, health problems, etc.), did not reach laying stingrays.

Finally, in 1841 Matheus Cesário Rodrigues Moacho, graduated in Lisbon and doctorate from the University of Leuven (Belgium) arrived in India. At that time, was appointed a board composed of:

Chief Physicist Matheus Cesário Rodrigues Moacho, Acting Chief Surgeon João Frederico Teixeira Pinho, Licensed António José da Gama and Hospital Physician António Caetano do Rosário Afonso Dantas.

This Board draws up EMC's bylaws. The medical course lasts 4 years and the following courses are taught: Anatomy and Physiology; Medical Matters, Pharmacy and Hygiene; Surgical Pathology and Operative Medicine; General Pathology and Internal Pathology; Surgical Clinic and Obstetric Art and Medical Clinic and General Notions of Legal Medicine.

eles Bernardo Peres da Silva que seria, ele próprio, nomeado Lente substituto, por portaria de 15 de Junho de 1804, e mais tarde prefeito do Estado.

O responsável pelo ensino regressa à Metrópole em 1826 e, até 1841 são vários os físico-mor que foram nomeados, mas que, por uma razão ou outra (atitudes/ intrigas políticas, problemas de saúde etc.…), não chegaram a assentar arraias.

Até que, em 1841 chega à Índia Matheus Cesário Rodrigues Moacho, formado em Lisboa e doutorado pela Universidade de Lovaina. Nessa altura é nomeada uma Junta composta por:

Físico-mor Matheus Cesário Rodrigues Moacho, Cirurgião-mor interino João Frederico Teixeira Pinho, licenciado António José da Gama e Médico hospitalar António Caetano do Rosário Afonso Dantas.

Esta Junta elabora os estatutos da EMC. O curso de medicina tem a duração de 4 anos e são leccionados as seguintes cadeiras: Anatomia e Fisiologia; Matéria Médica, Farmácia e Higiene; Patologia Cirúrgica e Medicina Operatória; Patologia Geral e Patologia Interna; Clínica Cirúrgica e Arte Obstétrica e Clínica Médica e Noções Gerais de Medicina Legal.

Paralelamente é também ministrado o curso de Farmácia.

E assim, no dia 5 de Novembro de 1842, Francisco Xavier da Silva Pereira, 89º Governador da Índia (1842 – 1843) e 1º Conde das Antas, assina a portaria que cria a Escola Médico-Cirúrgica de Goa.

Apesar da memória e tradição darem todos os louros da fundação da EMC ao Professor Doutor Mateus Moacho, este distinto médico teve que regressar quase de imediato a Portugal para exercer outras funções, tendo sido nomeado seu sucessor, em 1843, Francisco Maria da Silva Torres, que tomou posse em Março de 1844 e permaneceu no cargo até 1849.

Em conjunto com o cirurgião-mor José António de Oliveira e o médico António José da Gama, procedeu a pequenas alterações nos estatutos, tendo ainda sido responsável pelo instituto vacínico e pela investigação e divulgação da fitoterapia.

Foi devido ao seu zelo que a Escola Médico-Cirúrgica de Goa se implantou e ganhou o estatuto que viria a ser reconhecido oficialmente por Lisboa.

Após a anexação de Goa em 1961, a EMC é

In parallel, is also taught the course of Pharmacy

And so, on November 5, 1842, Francisco Xavier da Silva Pereira, 89th Governor of India (1842 - 1843) and 1st Count of Antas, signed the decree that created the Goa Medical School.

Despite the memory and tradition giving all the praises of the GMC foundation to Professor Mateus Moacho, this distinguished doctor had to return almost immediately to Portugal to exercise other functions, having been appointed his successor, in 1843, Francisco Maria da Silva Torres, who took office in March 1844 and remained in office until 1849.

Together with the major surgeon José António de Oliveira and the doctor António José da Gama, he made minor changes to the statutes, having also been responsible for the vaccine institute and for the research and dissemination of herbal medicine.

It was due to his zeal that the Goa Medical School was established and gained the status that would be officially recognized by Lisbon.

After the annexation of Goa by India in 1961, GMC was formally extinguished in 1963.

Throughout its existence, it trained 1327 doctors and 469 pharmacists[6].

The first Hindu doctor to graduate was Dr. Sacarama Borcar in 1899 and the first woman doctor, Dr. Joana Joaquina Lucinda Pinto in 1919.

Reflection, analysis and final considerations

The GMC foundation process has been researched and analysed by numerous investigators, both national and foreigners. This interest, in my opinion, stems from the fact that the GMC was pioneer of classical Western Medicine education on the Asian continent, and its foundation was an initiative of the colonizing power.

For some researchers, the teaching of Medicine, in an attitude of cultural colonization, would have the main objective of subjecting the local indigenous populations to Western medical therapies in detriment of oriental medicines, in this particular case, the Ayurvedic medicine; for others, the potential of native students in learning medicine should not be overlooked. The training of native doctors could be useful for the implementation of the health system in other Portuguese colonies.

Whatever the reason, the foundation process, which

formalmente extinta em 1963.

Ao longo da sua existência formou 1327 médicos e 469 farmacêuticos[6].

O primeiro médico hindu a licenciar-se foi Dr. Sacarama Borcar em 1899 e a primeira médica, Dr.ª Joana Joaquina Lucinda Pinto em 1919.

Reflexão, análise e considerações finais

O processo da fundação da EMC tem sido fruto de pesquisa e análise de inúmeros investigadores quer nacionais quer estrangeiros. Este interesse, na minha opinião, deriva do facto de ser a pioneira do ensino médico clássico da Medicina Ocidental no continente asiático, e a iniciativa da sua fundação ser da potência colonizadora.

Para alguns investigadores o ensino da Medicina teria como objectivo maior submeter as populações indígenas locais a terapias médicas ocidentais em detrimento das medicinas orientais, no caso particular a medicina Ayurvédica, numa atitude de colonização cultural; para outros, o potencial dos estudantes nativos na aprendizagem da medicina não deveria ser menosprezado. A formação de médicos poderia ser útil para a implementação do sistema de saúde nas outras colónias portuguesas.

Qualquer que fosse o fundamento, o processo da fundação, que foi um continuum de avanços e recuos, ao longo de quase um século e meio, teve um desfecho auspicioso para o território.

É importante ter em consideração que a fundação foi só o início de muitas vicissitudes que a EMC viria a enfrentar ao longo da sua existência de cerca de 120 anos.

A análise e as críticas à sua instalação e funcionamento, por parte de muitos investigadores, tem tanto de rigor de investigação e observação como de incompreensão e maledicência. As lacunas, as falhas e as omissões, que na realidade existiram, não podem tirar o mérito e denegrir a imagem de uma instituição que formou muitos e dedicados médicos, muitos deles insignes vultos da medicina portuguesa, que deram o melhor do seu saber e dedicação, não só à população dos territórios da antiga Índia Portuguesa mas mesmo a populações de outros territórios, nomeadamente no continente africano.

was a continuum of advances and setbacks, for almost a century and a half, had an auspicious outcome for the territory.

It is important to bear in mind that the foundation was only the beginning of many vicissitudes that the GMC would face in its 120-year existence.

The analysis and criticism of its setting and liveliness, by many researchers, has as much precision of research and observation as of incomprehension and backbiting. The gaps, flaws and omissions, which in reality existed, cannot take away the merit and denigrate the image of an institution that trained many and dedicated doctors, many of them outstanding figures of Portuguese Medicine, who gave the best of their knowledge and dedication, not only to the population of the territories of ancient Portuguese India but also to the populations of other territories, namely on the African continent.

As this chronicle does not aim a detailed challenge to the various research texts, the aim of which is to disdain and disparage the institution, I will restrict my objection to two points of view:

Regarding the refusal to accept the practice of classical western medicine[18], it will never be too much to remember that Ayurveda Medicine is close to 7000 years old, even before the Indo-Aryan civilization of the Indus valley. In comparative terms we can trace the course of Western Hippocratic Medicine to seven centuries BC. As such, in my point of view, it seems perfectly understandable that local populations refused to accept the medicine of the colonizers for this reason and not because of the poor quality of the services provided by doctors trained by EMC as some texts make us believe.

Regarding the lack of material and the deficient organization of teaching, I feel particularly comfortable in expressing my divergence in relation to many negative appraisals and evaluations, as I myself was a student at a college – Faculty of Medical Sciences of Lisbon Nova University – in the beginning of its foundation and, I lived and felt the difficulties inherent to the beginning of an institution.

Nowadays, analysing the past considering the present is a common practice. However, from the avant-garde reasoning to the reality of the history of facts goes a long way. In historiography, the author must have an open mind and not subject to prejudice. At least, historical

Por não caber no âmbito desta crónica uma contestação detalhada aos vários textos de investigação, cujo objectivo se afigura desdenhar e menosprezar a instituição, irei cingir a minha objecção em relação a dois pontos de vista:

No que diz respeito à recusa em aceitar a prática da medicina clássica ocidental[9] , nunca será demais relembrar que a Medicina Ayruvédica tem perto de 7000 anos de existência, sendo mesmo anterior a civilização indo-ariana do vale do Indo. Em termos comparativos podemos traçar o percurso da Medicina Hipocrática ocidental a sete séculos AC. Parece-me pois perfeitamente compreensível que as populações locais recusassem aceitar a medicina dos colonizadores por esse motivo e não pela má qualidade dos serviços prestados pelos médicos formados pela EMC como se pretende insinuar.

Em relação à falta de material e à deficiente organização do ensino, sinto-me particularmente à vontade para manifestar a minha divergência em relação a muitas apreciações e avaliações negativas, pois eu próprio fui aluno de uma faculdade – Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa – nos primórdios da sua fundação e, vivi e senti as dificuldades inerentes ao começo de uma instituição.

Nos tempos que correm analisar o passado à luz do presente é uma prática corrente. No entanto, do arrazoado vanguardista à realidade histórica dos factos vai uma grande distância. Na historiografia, o autor deve ter uma mente aberta e não sujeita a preconceitos. A análise histórica deve, no mínimo, ser capaz de investigar e ponderar os factos à luz dos conceitos e práticas inseridos no local e no tempo.

A maior injustiça que foi feita pelo regime colonial, foi o não reconhecimento dos licenciados pela EMC de Goa para exercerem medicina em Portugal continental (Metrópole) quando aos mesmos era permitido exercer nas possessões portuguesas de África, Ásia e Oceânia.

Para terminar esta crónica, duas citações:

Nos debates parlamentares de 1902, o médico e deputado Miguel Bombarda tomou a defesa dos médicos de Goa evocando o papel crucial que tinham e poderiam vir a ter na colonização de África,

Figura 5. Professor Doutor Francisco Maria da Silva Torres (1812-1891) | *Professor Francisco Maria da Silva Torres (1812-1891)*

analysis must be able to investigate and ponder the facts in view of the concepts and practices inserted in place and time.

The greatest injustice that was done by the colonial regime was the unacceptance of EMC graduates from Goa to practice medicine in mainland Portugal (Metropolis) when they could practice in Portuguese possessions in Africa, Asia and Oceania.

To end this chronicle, two quotes:

In the Portuguese parliamentary debates of 1902, the famous doctor and deputy Miguel Bombarda took the defence of the doctors of Goa, evoking the crucial role that they had and could have in the colonization of Africa, mentioning some achievements of the past and projecting the glories of the future and he concluded saying:

"Everything condemns the Funchal School, while everything saves GMC"

Finally, many of the doctors trained at GMC were brilliant in various spheres of intellectuality: among others writing, economics, chemistry, parliamentarism

mencionando alguns feitos do passado e projetando as glórias do futuro e rematou afirmando:

"A Escola de Funchal, tudo a condena. A de Nova Goa, tudo a salva"

Por último, muitos dos médicos formados na EMC foram brilhantes em várias esferas de intelectualidade: escrita, economia, química, parlamentarismo, entre outras, foram áreas em que fizeram jus ao celebre aforisma do Professor Abel Salazar:

"O médico que só sabe de Medicina nem de Medicina sabe".

were areas in which they were able to live up to Professor Abel Salazar's celebrated aphorism:

"The doctor who only knows about Medicine not even Medicine knows".

Bibliografia | References

1. pt.wikipedia.org>wiki>Ayurveda
2. Saldanha MJ Gabriel. História de Goa (Política e Arqueológica) Volume II. Asian Educational services 1990.
3. Arnold D. Colonizing the Body, Berkeley, University of California Press. 1993.
4. Bastos C. História, Ciência, Saúde – Manguinhos. O ensino da medicina na Índia colonial portuguesa: fundação e primeiras décadas da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702004000400002
5. Correia G e Figueiredo JP. Anais da Escola Médico Cirúrgica de Nova Goa entre 1927 - 1961
6. Fernandes JR. Escola Médico-Cirúrgica de Goa. www.abemdanacao.blogs.sapo.pt
7. Digby Anne, Ernst Waltraud. Crossing Colonial Historiographies: Histories of Colonial and Indigenous Medicines in Trasnational Perspective. Cambridge Scholars Publishing. 2010
8. Bosquejo das Possessões Portuguesas. Volume 1º P. 299.
9. Oliveira JA. Relatório do estado das repartições de saúde do Estado da Índia. 1853. Arquivo Histórico Ultramarino.
10. pt.wikipedia.org>wiki>Ayurveda
11. Saldanha MJ Gabriel. História de Goa (Política e Arqueológica) Volume II. Asian Educational Services 1990.
12. Arnold D. Colonizing the Body. Berkeley: University of California Press. 1993.
13. Bastos C. História, Ciência, Saúde – Manguinhos. O ensino da medicina na Índia colonial portuguesa: fundação e primeiras décadas da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702004000400002
14. Correia G e Figueiredo JP. Anais da Escola Médico Cirúrgica de Nova Goa entre 1927 - 1961
15. Fernandes JR. Escola Médico-Cirúrgica de Goa. www.abemdanacao.blogs.sapo.pt
16. Digby Anne, Ernst Waltraud. Crossing Colonial Historiographies: Histories of Colonial and Indigenous Medicines in Trasnational Perspective. Cambridge Scholars Publishing. 2010
17. Bosquejo das Possessões Portuguesas. Volume 1º P. 299.
18. Oliveira JA. Relatório do estado das repartições de saúde do Estado da Índia. 1853. Arquivo Histórico Ultramarino.

Emissora de Goa

GOA RADIO STATION

Francisco da Purificação Monteiro

Sócio Fundador da Casa de Goa

Founder Member of Casa de Goa

Resumo

Nos meios de comunicação falada, a Emissora de Goa foi um marco importante na história radiofónica de Goa, principalmente em relação à qualidade técnica que tinham as suas emissões tendo em consideração o contexto histórico e a dimensão do território.

Apesar da sua curta existência, deixou gratas recordações na memória dos goeses do território e da diáspora que perduram até aos dias de hoje.

Nesta crónica, o autor faz uma breve resenha histórica, desde a sua génese até à sua conversão num emissor regional da All India Radio.

Abstract

In the media of spoken communication, the Goa radio station was an important milestone in Goa's radio history, mainly in relation to the technical quality that had their emissions, considering the historical context and the size of the territory.

Despite its short existence, it left pleasant memories that prevail until today in the memory of Goans, in the territory's and in the diaspora.

In this chronicle, the author makes a brief historical review, from its genesis to its conversion into a regional broadcasting station of All India Radio.

Preâmbulo

No longínquo ano de 1951, tinha eu 7 anos de idade, e residia na linda e pitoresca aldeia de Nagoá de Vernã. A aquisição de um aparelho de rádio, um moderno Marconi alimentado a bateria − na altura não havia luz eléctrica na minha aldeia – despertou uma enorme curiosidade. Foi toda uma azáfama para pô-lo a funcionar; desde a ligação à bateria até à colocação da antena no telhado. Depois de várias tentativas para sintonizar ouvimos uma voz que dizia: "Aqui Portugal, fala a Emissora de Goa". Foi um momento de grande entusiasmo para todos os presentes: escutamos o noticiário e logo de seguida o programa musical da hora do almoço.

Figura 1. Marconi 5 Modelo Q 353 5 Válvulas
(fonte: www.todo.colecion.net)

Mas como nasceu a Emissora de Goa?

José Ferreira Martins, inspector aposentado dos Serviços de Fazenda e radioamador, tinha oferecido um pequeno emissor a um grupo de jovens entusiastas da rádio. Encorajados por esta oferta, os adolescentes improvisaram um microfone utilizando para o efeito uma chereta de coco, e deram início às transmissões sob à supervisão técnica de Victor Carvalho, um engenheiro da Estação Telegráfica de Pangim.

A primeira transmissão experimental teve lugar a 28 de Maio de 1946, e em Junho desse ano a portaria no 4255 oficializou à existência da emissora que ficou assinalada com uma emissão filatélica especial por iniciativa do Governador-Geral Dr. José Silvestre Bossa.

Por diploma do governo, datado de 25 de Julho do mesmo ano, foi decretado que a estação de rádio, denominada Emissora de Goa, seria dotada de autonomia administrativa e financeira mas integrada nos CTT (Correios Telégrafos e Telefones) e a funcionar numa base experimental em 5KW, SW (onda curta). A inauguração oficial, nesse mesmo ano, esteve a cargo do Encarregado do Governo Geral, na altura o Comandante Quintanilha Mendonça Dias.

Em 3 de Novembro de 1949 foi aprovado o orçamento da emissora no qual se incluía o subsídio do estado de 40.000 rupias.

Evolução da Emissora de Goa

Mas foi só a partir de 1959, com a aquisição de um retransmissor de 10KW, SW (onda curta) para emissões para o exterior, e dois retransmissores de 20 KW, MW (onda média) para o serviço interno cobrindo ainda Damão e Diu, que a Emissora de Goa passou a ter um estatuto oficial. Na mesma altura foi autorizada a publicidade comercial como uma fonte de financiamento.

Os serviços comerciais eram dirigidos pelo jornalista Paulo Fontes, e o empresário Gabriel Martins.

Até 1959, o horário das emissões era dividido entre a secção oficial - entre as 07H00 e as 13H00 e das 19H00 às 20H00 - e a secção comercial - das 13H00 às 19H00 e das 21H00 às 22H00.

Pelo Diploma Legislativo nº 1879 de 5 de Fevereiro de 1959 a Emissora de Goa foi separada dos Serviços dos Correios Telégrafos e Telefones (CTT) e passou a constituir um organismo de radiodifusão do estado, com autonomia administrativa e financeira, e dotada de personalidade jurídica. Ainda em 1959, foi adquirida e instalada, nova aparelhagem que deu um grande impulso e desenvolvimento à programação.

A nomeação de D. João de Sousa de Macedo (Mesquitela), para o cargo de director da Emissora de Goa, por Portaria de 18 de Maio de 1960, contribuiu para maior dinamismo e a uma maior afirmação da Emissora de Goa. Por Diploma Legislativo nº 2000, foi alterado o quadro do pessoal da Emissora de forma a dotar-se o mesmo com colaboradores de carácter permanente, e não em regime de acumulação, como

Figura 2. A sede da Emissora de Goa no Altinho - Pangim

vinha sucedendo em relação ao quadro da secretaria. Foi ainda acrescentado um lugar com funções de coordenador dos serviços técnicos e administrativos.

Em 1960, foi adquirido um novo retransmissor com a potência de 50 KW, SW (onda curta), para o serviço internacional da Emissora de Goa.

De início, os novos emissores funcionaram em serviço experimental. Foi criada uma programação especialmente dirigida à diáspora estabelecida em todos os continentes. Os serviços exteriores foram organizados com o objectivo de divulgar os acontecimentos mais importantes que tinham lugar no território.

O edifício onde estavam instalados os estúdios, os serviços de produção, discoteca, oficinas, da secretaria e direcção foram sujeitos a uma profunda remodelação, tanto no interior como no exterior. Todos os serviços foram remodelados na sua orgânica e apetrechados com novos meios de trabalho de forma que a programação geral e o serviço noticioso correspondessem aos meios técnicos que a Emissora estava dispondo.

Ainda no decorrer de 1960, os dois novos emissores de ondas médias de 25 Kw., passaram a funcionar em paralelo, e, assim, a cobrir com maior poder de audição as zonas servidas anteriormente pelo emissor de onda média de 5 Kw. Também já estava montado e em serviço, em regime experimental – um emissor de ondas curtas de 50 Kw., com antenas direccionais – uma dirigida ao Portugal metropolitano e cobrindo o Médio Oriente; outra dirigida ao Extremo Oriente, cobrindo Macau e as áreas da Formosa e Filipinas; e uma terceira, dirigida a Lourenço Marques, que abrangia a África Oriental Inglesa, a Província de Moçambique, Madagáscar e África de Sul.

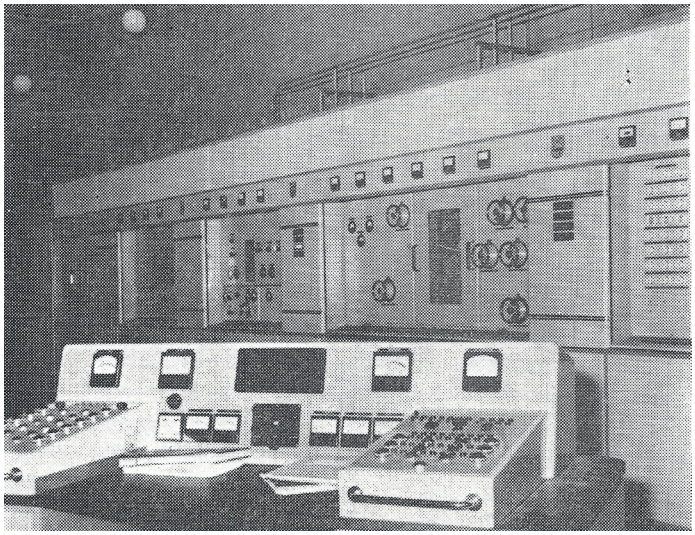


Figura 3. Sala dos emissores

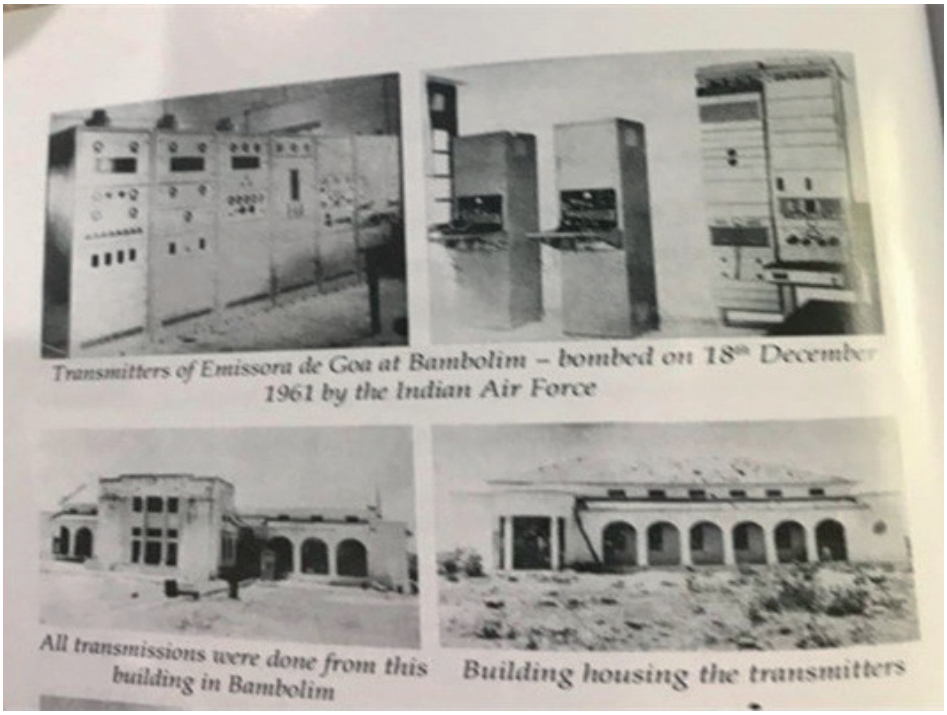

Transmitters of Emissora de Goa at Bambolim – bombed on 18th December 1961 by the Indian Air Force
All transmissions were done from this building in Bambolim
Building housing the transmitters

Figura 4. Sala e edifícios de emissores em Bambolim (cortesia de Margarida Távora)

Ainda no decorrer de 1960, os dois novos emissores de ondas médias de 25 Kw., passaram a funcionar em paralelo, e, assim, a cobrir com maior poder de audição as zonas servidas anteriormente pelo emissor de onda média de 5 Kw. Também já estava montado e em serviço, em regime experimental – um emissor de ondas curtas de 50 Kw., com antenas direccionais – uma dirigida ao Portugal metropolitano e cobrindo o Médio Oriente; outra dirigida ao Extremo Oriente, cobrindo Macau e as áreas da Formosa e Filipinas; e uma terceira, dirigida

Figura 5. Francisco Simons entrevistando o Dr. Galvão Teles (fonte: A Jornada Continua).

a Lourenço Marques, que abrangia a África Oriental Inglesa, a Província de Moçambique, Madagáscar e África de Sul.

Estes novos e modernos emissores entraram em funcionamento em 1961 e permitiram que a Voz de Goa fosse escutada em grande parte do continente europeu, africano e asiático. O ajustamento das antenas feito no início de 1961 e o sucesso dos programas experimentais nos novos emissores, permitiram um maior número de horas de emissão em todos os programas nas sete (7) línguas – português, concanim, inglês, marata, guzerate, hindi e urdú e ainda com programas especiais, em desdobramento, em português, para as províncias portuguesas da Europa, Africa, Extremo Oriente e Oceânia; em concanim e em inglês para o Médio Oriente, África e Ásia.

Da vasta e diversificada programação mereciam especial referência a Alvorada Musical, os Noticiários, o Teatro Radiofónico, os Discos Pedidos que podiam ter dedicatórias, a Hora Radiofónica da Mocidade Portuguesa, Onda Desportiva, a Hora Católica com o apoio dos salesianos, o Boletim Meteorológico compreendendo a situação geral e a previsão para 24 horas com início às 12 horas de tempo legal e a radiodifusão da hora oficial deste Estado, ou seja, a do tempo médio do meridiano 82º 30'E. O sinal horário era transmitido automaticamente às 8, 14 e 20 horas.

Dos numerosos depoimentos sobre a Emissora de Goa; escolhemos uma muito sugestiva duma das mais conhecidas colaboradoras. No seu livro "Reminiscences of My Radio Days" editado pela Third Millenium, Goa, Imelda Dias refere que "Tudo começou em 20 de Maio de 1946: um rádio transmissor muito fraco e uma chereta de coco como microfone –foi assim que nasceu a Rádio de Goa. Ao pressentir as potencialidades da Rádio Goa, Portugal dotou-a de emissores mais potentes. O bebé cresceu e tornou-se um gigante – um gigante interessante, alegre e instrutivo em todas as áreas, muito popular na Índia, excedendo em brilho a enfadonha e pedante All India Radio. A Rádio Goa foi rebatizada como Emissora de Goa e foi muito bem recebida pela população da Índia que desejava ouvir música internacional juntamente com a música indiana e programas interessantes, tanto para crianças como para os adultos. O sucesso fenomenal da Emissora de Goa tinha críticas, com numerosas cartas escritas nos jornais no país, opinando que a estação da rádio não era adequada para Índia, etc. Contudo, como se constatou, as cartas sublinhando a sua importância e suscitando um caloroso entusiasmo superavam em muito as que a criticavam. Neste livro estão incluídos os excertos dos dois depoimentos. Seguiu-se a libertação de Goa, quando o Exército Indiano invadiu a colónia. A estação foi bombardeada; o pessoal já tinha sido deslocado para Portugal".

Mais adiante, no seu livro, refere que "Com a integração a Emissora de Goa passou a ser a All India Radio, Panjim. E foi "engolida" pela sua competidora que tinha acompanhado com suspeição o seu crescente sucesso. Os emissores, de alta potência, foram levados para fora de Goa e colocados nas regiões fronteiriças do nordeste da Índia, onde havia constantes ameaças de guerra. Os novos emissores, agora mais fracos,

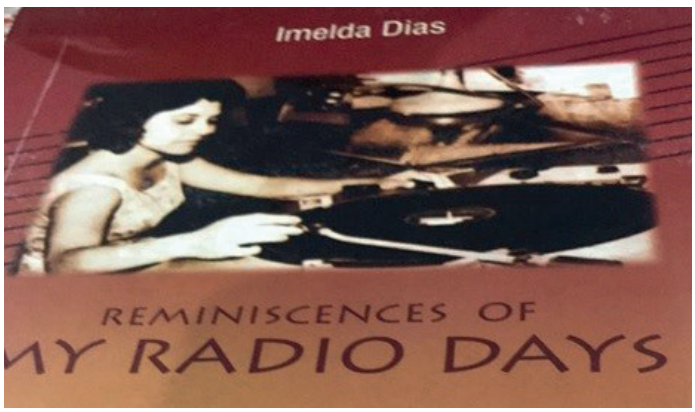


Figura 6. Imelda Dias apresentando o se programa na língua inglesa (cortesia de Margarida Távora e Third Millennium).

Figura 7. Outro aspecto do bombardeamento e destruição das instalações da Emissora de Goa em Bambolim (cortesia Bahrat Ratshak).

levaram a redução e diminuição do alcance. Os ouvintes na Índia ficaram muito desagradados. A qualidade da programação sofreu com as autoridades a franzirem o sobrolho a tudo o que fosse português. Os defensores de Marata começaram a pressionar para a emissora difundir em Marata".

No seu livro "Once Upon a Time" o jornalista indiano Ivan Arthur refere alguns dados sobre a emissora de Goa e a empresa CMM (Cosme Matias Meneses) com sede em Pangim que passo a citar: "Mas o que deu o empurrão decisivo aos negócios de Pascoal Menezes foi a sua capacidade de furar o bloqueio económico imposto pela União Indiana. O governo português tinha decidido fazer uma ligação aérea de Goa com Damão, Diu e Carachi. CMM comprou o monopólio de venda da carreira. A empresa abriu um escritório em Carachi e Pascoal, recebeu um passaporte diplomático e bilhetes de graça para quantas deslocações fossem necessárias. A partir das suas vendas de instrumentos de rádios e gramofones, Pascoal teve a ideia de montar um transmissor de Philips para a Emissora de Goa permitindo ao Governo de Goa iniciar a sua campanha de contrainformação. CMM pagou os custos de um outro aparelho de emissão sob condição de fazer a sua publicidade comercial sem restrições. Durante a invasão de Goa, a emissora foi atingida pelo bombardeamento aéreo indiano. As tropas indianas retiraram os aparelhos de transmissão, mas afundaram-se no rio Mandovi, durante o transporte. A empresa CMM meteu um

processo contra o Governo da Índia e ganhou o caso. Recebeu os custos do transmissor bem como os juros".

Por volta das 07h00 do dia 18 de Dezembro de 1961 a Força Aérea Indiana bombardeou as instalações da Emissora de Goa, destruindo os emissores e as antenas. Os estampidos das explosões foram ouvidos num raio de alguns quilómetros. Nesse dia, estava eu a participar na missa na capela da residência de Nossa Senhora de Fátima dos padres jesuítas em Pangim, quando ouvi o ronco dos aviões a sobrevoar a cidade e minutos depois o estrondo das explosões das bombas incendiárias lançadas pelos aviões que originaram as labaredas que atingiam alguns metros de altura e que consumiram durante mais de um dia alguns dos blocos das instalações da emissora.

Após a invasão e anexação de Goa pelas forças armadas indianas a Emissora de Goa, que era uma das mais prestigiadas emissoras da Ásia, ficou reduzida a um mero emissor regional da All India Radio.

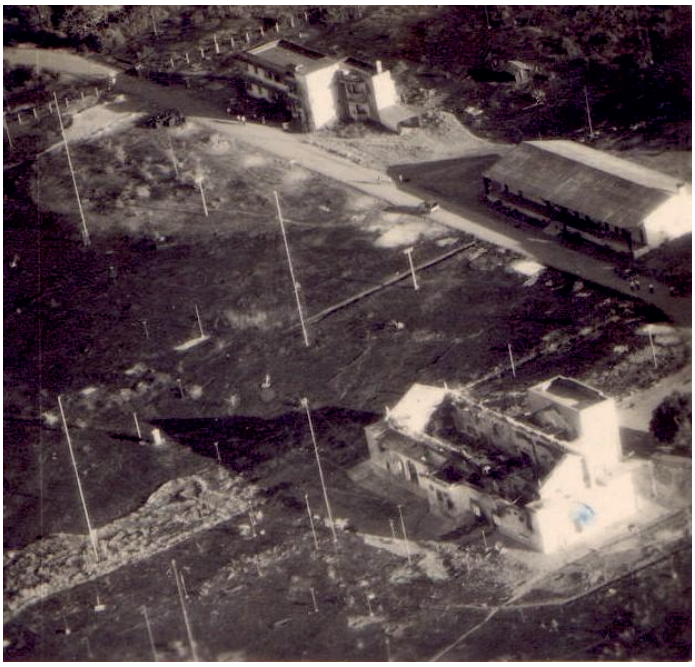


Figura 8. Vista aérea das instalações da Emissora de Goa em Bambolim, destruídas pelo bombardeamento da Força Aérea Indiana na manhã de 18 de Dezembro de 1961 (cortesia Bahrat Ratshak).

Glossário

Chereta – Endocarpo lenhoso que envolve a polpa do coco

Bibliografia

- Século-09 Dez 1960 Suplemento Especial
- A Jornada Continua … Imprensa Nacional, Goa 1960
- Dias I. Reminiscences of Radio Days. Third Millennium 2011
- Arthur Ivan. Once More Upon a Time. Research & Reference Library Goenkaranchem Daiz

Feni - Uma Bebida Inebriante

FENY - AN INEBRIATING DRINK

Mário Viegas

Foi diretor, cofundador e/ou redator das revistas | *Past director, co-founder, and/or editor of magazines*

Elo (Lourenço Marques), Voz da Zambezia (Quelimane), and Ecos do Oriente (Lisboa)

Resumo

A história do cruzamento de culturas numa bebida impar no Mundo – o Feni – produzido em Goa numa derivação dos descobrimentos que agora se descobre e conquista lentamente outros espaços espalhando o seu aroma e um sabor tropical.

Abstract

The story of the crossing of cultures in a unique drink in the world - the Feni - produced in Goa, derived from the discoveries and it is now discovered and slowly conquering other settings, spreading its aroma and tropical falvour.

Quando os portugueses aportaram na Índia as especiarias já maravilhavam os Ocidentais. A gastronomia que encontraram a Oriente foi o início de uma aventura culinária que se iniciaria com fascínio e culminaria com interseções que enriqueceram ambas as partes. O exotismo de especiarias desconhecidas, de aromas inebriantes, de paladares exuberantes arrebatou os portugueses que, de outras paragens, trouxeram condimentos e iguarias que complementariam o que parecia perfeito e que mudaria definitivamente a culinária indiana em várias partes da Índia. Esta comida sensual, afrodisíaca, contemplativa, na medida certa de apuro milenar, encanta e, poucos por esse mundo fora, ousam ficar indiferentes. Embora extasiante, os portugueses acharam que teria de ser potenciada com elementos psicoativos como o álcool ou estimulantes como o piripiri. Constataram que faltavam ainda os produtos do seu quotidiano (carnes, peixes e mariscos), e uma rega que substituísse a água. Entre a saudade e o fascínio da nova cultura celebraram-se diversos casamentos gastronómicos que originariam ali novos molhos e caris tradicionais, vindalhos, xacutis, sarapatéis, cabidela, chouriço com especiarias, o pamfret (tipo linguado) sempre acompanhados de arroz branco, pão, apas ou sanãs (de farinha de arroz), culminando em beleza com a famosa sobremesa, bebinca, nascida como não poderia deixar de ser em território conventual.

O destilado de caju denominado acajuy que daria origem ao feni, do concani pheni que, por sua vez, assimilou do sânscrito phena (espuma) poderá derivar da associação da espuma que se forma quando o líquido é agitado. Originado de receita ancestral que

parece ter-se perdido nos confins do mundo ou, por um processo evolutivo, diluiu-se no que seria a atual receita e, segundo rezam as crónicas, aportada na bagagem de missionários católicos inspirados pelos índios tupi, do Nordeste brasileiro que já produziam "vinho de caju". Recorde-se que ainda há pouco tempo existiam no Nordeste brasileiro fábricas desse vinho.

Em 1578 Cristóvão da Costa já garante a presença de cajueiros nos arredores de Goa e Cochim, vindos do Brasil para Goa na rota dos navegadores portugueses.

Depois, as árvores familiarizaram-se com a terra, tão bem que a aceitaram melhor que a sua progenitora e geraram castanhas, os verdadeiros frutos, e, em simbiose o "pseudo fruto", tipo pera, mais alongado, carnudo, sumarento, amarelo ou vermelho. Quando maduros, são apanhados, nos meses de fevereiro ou maio, e recolhidos. Separados da castanha, são levados para o local onde se situa o chamado bhatti (alambique) em concani, recipiente de barro usado nos primeiros tempos, substituído mais tarde por cobre.

Entra-se então no processo do esmagamento, que é executado com os pés ou prensa. Obtido do primeiro esmagamento do pedúnculo do caju para destilação, pode-se degustar uma bebida fabulosa denominada Niró, que aconselho a ser provada em pleno mercado de Pangim indo cedo, pela manhã, para aproveitar a brisa fresca, macia e sossegada com um produto de primeira qualidade na plenitude das suas propriedades. É adocicada, perfumada, de sabor frutado que se obtém da polpa após atar-se em pequenos molhos, em que se exerce pressão, colocando-se sobre eles um peso.

Outra parte do sumo é guardada para fermentação. Três dias depois, começa o ritual mais importante: a destilação. O primeiro suco extraído denomina-se urraca, uma bebida leve (15º) que dispõe bem e nos conduz a outros devaneios. A segunda destilação revela-nos umas das mais generosas bebidas do Mundo, o feni. A terceira é um rastilho à espera de ser ingerido e que não encontra a recetividade da maioria, quando bebido puro. Os frutos são postos numa área de esmagamento, chamada colmbi, que geralmente é uma rocha escavada em forma de bacia. São então pisados para libertarem o sumo. Este método artesanal tem sido gradualmente substituído por uma prensa chamada pingre ("caixa").

Puro, da terceira destilação, uma bomba que pode atingir os 45º mas que normalmente tem 42º. Para amenizar a capacidade destrutiva, bebido em coquetel com sumo de limão, pedrinhas de gelo, água gaseificada e uma pitada de açúcar que, nos dias de canícula, resulta numa bebida excecional e refrescante. Em tempos de globalização tem-se enveredado por uma panóplia de "mixologias" ao sabor da imaginação. De qualquer forma, bebida sem exageros, confere-nos uma certa euforia inicial e, no embalar da noite, um sono macio, calmo, sem sobressaltos à hora de acordar, de forma serena e tranquila.

É uma bebida exótica, com um sabor peculiar que primeiro estranha-se e depois entranha-se, o que por si só deveria justificar maior protagonismo, pois quando transformada em coquetel é verdadeiramente deliciosa embora os mais ortodoxos considerem qualquer mistura uma heresia. A crescente notoriedade deveria ser garantida por uma maior publicidade que a transformasse em bandeira turística da Região. Quando na Madeira vi a Poncha – bebida emblemática da Ilha – em grandes letreiros luminosos expostos em toda a parte, nas esquinas, nos restaurante, nas ruas, lembrei-me do nosso feni, tão encolhido e pouco divulgado, escondido como se de um pária se tratasse, quando devia ser apregoada aos sete ventos, visto ser Goa o único local do Mundo onde se fabrica essa perfumada e generosa bebida. Curiosamente há quem afirme com alguma fundamentação que a poncha é originária da Índia, inicialmente produzida com aguardente de arroz ou de noz de coco e que tinha uma confeção muito similar ao feni, com sumo de limão, especiarias, chá, água e açúcar. Os marinheiros portugueses produziam uma calda de limão e melaço misturada à aguardente de cana proveniente da Madeira para as suas longas viagens que parece ser o ramo comum de todas estas bebidas espalhadas por esse mundo fora, pelos portugueses. Cabo Verde produz uma bebida à base de grogue (aguardente de cana) denominada pontche que é similar à poncha da Madeira e ao feni, com limão e açúcar, não esquecendo a caipirinha brasileira misturada da mesma forma mas com lima, evidência da circulação de saberes transportada na diáspora portuguesa.

Neste sentido, é de estranhar a simpatia de muitos goeses pelo uisque indiano "[…] não obstante o seu mau gosto e péssimo cheiro […]", de menor qualidade e de preço superior, comprado e ingerido por prosápia dalguns preconceituosos como aquele meu conhecido que, quando lhe perguntei se nas suas férias em Goa consumia o feni, me respondeu num rosto contorcido de repulsa, que parecia amarrotar o seu perfil: "Não! Eu lá só bebo uísque!", vindo à memória o escritor Carmo de Noronha: que considera que "Uma sociedade inteligente não deve ceder a falsos preconceitos, preferindo o whisky indiano ao nosso Feni, só porque aquele é caro. Não vamos, como os Pele Vermelhas, trocar pó de ouro por um caco de espelho… É certo que inibições sociais não podem ser combatidas com exemplos individuais e isolados. Qualquer indivíduo que tente abrir exceção a práticas estabelecidas passará a ser um excêntrico, e no caso do Feni um somítico. A reforma de preconceitos coletivos requer reações coletivas e, por isso, cabe aos nossos clubes introduzir o costume de servir exclusivamente o Feni nas suas festas." Nem mais!

Esta bebida, finamente destilada era inicialmente associada ao povo e daí o preconceito. Ainda existem inúmeras destilarias populares que fazem deste produto um ícone tradicional de Goa. De coco ou de caju ele abunda em Goa mas existe ainda um longo caminho a trilhar, pois a dispersão da produção facilita a heterogeneidade da qualidade, que embora certificada, ainda carece de um controlo maior, realidade ainda mais grave no feni de coco que não usufrui de classificação ou proteção. O de caju tem denominação de origem desde 2009 passando a ser uma espécie de região demarcada à semelhança dos vinhos por todo o mundo, creditação que a distingue como bebida singular no panorama mundial. Esta certificação tem originado uma melhoria dos lotes que em alguns casos passaram a ser envelhecidos em cascos de carvalho ou de outras madeiras amaciando o sabor e conferindo-lhes uma tonalidade dourada. A proibição de venda fora do estado de Goa aumenta a cobiça e origina peregrinações de outros estados para consumir este néctar dos deuses.

O feni é uma das personificações do intercâmbio de biodiversidades promovido pelos portugueses e do engenho para assimilar, partilhar e transformar saberes em novas criações capazes de satisfazer necessidades prementes em outras paragens. Recorde-se que o álcool foi e é parte integrante da cultura portuguesa e, em tempos de Expansão, na ausência de vinho todos os meios eram utilizados para mitigar essa ânsia.

Figura 1. Feni comercializado.

O caju "naturalizado" indiano já faz parte da paisagem autóctone, sendo a Índia o maior produtor mundial, tal como o Brasil é o maior produtor de cana de açúcar, curiosamente com origem na Ásia e fez da cachaça a sua bebida nacional. Nem uns nem outros transformaram os seus produtos em bandeiras de idiossincrasia cultural. Portugal deu cartas e baralhou-as, uma vezes bem, outras nem por isso, mas deixou um legado que viverá para além do preconceito e que reafirma a essência da globalização, o poder de todos poderem ter acesso ao que sonham. O feni, a cachaça, o grogue ou a poncha deveriam servir de metáfora para derrubar os muros que se teimam em construir 500 anos depois de se ter iniciado o processo de destruição dos mesmos. Por isso, caros amigos brindemos de preferência com feni mas sem a recusa de outros sabores, de portas abertas, entre todos, com um sorriso de amizade sem nos escondermos ao pôr-do-sol.

Referências

- David Abram/Goa the ropugh Guide, pág. 40
- J. Mendes Ferrão, Fruticultura Tropical pág.75
- Carmo de Noronha, Contacorrente, págs. 39/40.
- José Ferrão, ed. A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses. Lisboa, 1992.
- Russel-Wood. Dissemination of Flora and Fauna, in: The Portuguese Empire – A World on Move. Baltimore, 1998.
- http://goa.life/the-incredible-story-of-feni-that-butler-didnt-tell-you

Francisco da Silva Teles

Francisco da Purificação Monteiro

Sócio Fundador da Casa de Goa

Founder Member of Casa de Goa

Resumo

Silva Teles nasceu em Goa em 1860, e depois de uma promissora carreira militar dedicou-se ao magistério, nomeadamente no campo da antropologia e geografia. Agraciado com os graus de cavaleiro, oficial e comendador da Ordem de Aviz, viria a ocupar o cargo de Ministro da Instrução Pública em 1929.

Abstract

Silva Teles was born in Goa in 1860, and after a promising military career he dedicated himself to teaching, particularly in the field of anthropology and geography. Awarded the title of knight, officer and commander of the Order of Aviz, he would come to occupy the position of Minister of Public Education in 1929

Dados biográficos e académicos

Francisco Xavier da Silva Teles, filho de António Xavier da Silva Teles e Clara Unhão, nasceu no concelho de Pondá, distrito de Goa, antigo Estado da Índia, onde fez os seus estudos primários. Após ter completado os estudos secundários no Liceu de Nova Goa, seguiu para Lisboa onde, em 1880, formou-se na antiga Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

Estudou Antropolgia com o professor Manonvrier, da Escola de Antropologia de Paris, onde aperfeiçoou-se na técnica antropométrica. Em 1891 foi regente de um curso de Antropologia na Academia de Estudos Livres, em Lisboa, tendo nessa ocasião redigido um programa de observações antropológicas que foram depois utilizadas na expedição científica que a Sociedade de Geografia efectuou à Serra da Estrela; publicou alguns trabalhos de índole exclusivamente antropológica.

Percurso profissional

O seu conhecimento científico, multifacetado, levou a que desse um contributo inestimável nos mais variados sectores da vida intelectual da sociedade portuguesa que a seguir descrevemos sucintamente.

1.Carreira militar

Dr. Silva Teles iniciou a sua carreira profissional em 1881 como aspirante-facultativo do ultramar. Quatro anos após, em 1885, foi promovido a médico naval de 2ª classe e, volvidos outros 4, isto é, em 1889 a médico naval de 1ª classe. Em termos militares, a Capitão-tenente em Agosto de 1913, a Capitão-de-fragata em Julho de 1915 e a Capitão-de-mar-e-guerra em Março de 1918.

Prestou serviço nas canhoneiras "Vouga", "Cuanza", "Mindelo" e "D. Luís"; nas corvetas "Afonso de Albuquerque", "Duque de Terceira"

Figura 1. Francisco Xavier da Silva Teles (1860-1930)
(fonte: Wikipedia - enciclopéia livre)

e "Rainha de Portugal"; no cruzador "Vasco da Gama" e no transporte "África" da Divisão Naval de África Ocidental e Oriental.

Como médico, representou o serviço médico-naval da marinha de guerra portuguesa no XIII Congresso Internacional de Medicina em Paris.

2.Carreira no magistério

No início do século vinte, em 1902 dedica-se ao ensino como professor da cadeira de Higiene e Climatologia do curso de Medicina Tropical, sendo posteriormente nomeado Director desta Escola.

Nesse cargo, em 1905, representa a classe médico-naval no Congresso Nacional da Tuberculose em Coimbra.

O seu contributo estende-se à reorganização da Faculdade de Letras de Lisboa onde ingressa em 1921, no quadro docente do Curso Superior de Letras, sendo nomeado Professor Extraordinário das 14ª e 15ª cadeiras − Geografia Económica Geral e Especial, Geografia Económica de Portugal e suas colónias e Geografia Económica do Brasil.

Em 1927 é nomeado Professor do Instituto Superior do Comércio e regente da 18ª cadeira – Administração Colonial.

Como corolário da sua actividade pedagógica nos mais variados sectores, em Fevereiro de 1928, foi nomeado Reitor da Universidade de Lisboa, e, em Julho de 1929, Ministro da Instrução Pública, cuja pasta não poucas vezes lhe fora oferecida mas que sempre rejeitara; mas dois meses depois, em Setembro desse mesmo ano, é exonerado, a seu pedido, por discordâncias de orientação política.

É um dos responsáveis pela organização da Liga de Educação Nacional.

Em 1901, foi responsável pela organização do I Congresso Colonial, que se realizou na Sociedade de Geografia de Lisboa.

Em 1912 é eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Foi ainda secretário geral da Sociedade de Geografia de Lisboa.

3.Carreira científica

Na qualidade de geógrafo, dedicou-se aos estudos de demografia e climatologia. Representou Portugal em vários Congressos internacionais como os de Antropologia, Medicina, Geografia e Agricultura Tropical e também em Congressos Universitários em Paris, Genebra, Washington, Roma, Londres, Cambridge, Nápoles e Bruxelas.

Foi autor de uma vasta obra científica da qual destacamos as seguintes publicações:

- 1904 – A Concepção das Unidades Geográficas. Introdução à Antropografia
- 1916 – O conceito Científico da Geografia
- 1908 – L'Enseignement Supérieur de la Géographie
- 1924 – Ensino Colonial Universitário (Altos Estudos Coloniais)

Foi considerado a maior autoridade portuguesa no domínio da geografia, tendo sido pioneiro da geografia científica e reformador dos estudos geográficos nacionais.

O professor Dias Valente (grande vulto da pedagogia portuguesa do século XX) considerou Silva Teles como o pioneiro do moderno critério no ensino de Geografia em Portugal. A sua obra influenciou em muito as Escolas de Geografia das Universidades de Coimbra e Lisboa.

A sua rica bibliografia dá-lhe um lugar de singular destaque como antropologista e economista. Foi uma das figuras mais eminentes do professorado universitário.

Como corolário da sua actividade académica e científica, foi agraciado com os Graus de cavaleiro, oficial e comendador da Ordem de Aviz, Medalha Militar de prata da Classe de Comportamento Exemplar, Oficial de Santiago, medalha de cobre de Filantropia e Caridade e a medalha de ouro de Classe de Comportamento Exemplar.

Em súmula, foi médico da armada, professor universitário, reitor, ministro, cientista e académico.

Faleceu em Lisboa a 21 de Maio de 1930. A municipalidade lisboeta homenageou-o dando o seu nome a uma rua da capital portuguesa na freguesia de Nossa Senhora de Fátima.

Bibliografia

- Dicionário de Literatura Goesa, Aleixo Manuel Costa, Instituto Cultural de Macau, Fundação Oriente.
- Santos, Francisco Reis. Francisco da Silva Teles – Um Homem. Separata do Boletim da Sociedade de Geografia, n.º 7 e 8 de Julho e Agosto de 1934.
- Obras de Silva Teles – A Ciência Geográfica. Associação Portuguesa de Geógrafos. Lisboa 2004.

Recordando Arvi Barbosa

REMEMBERING ARVI BARBOSA

Ekvat - Grupo de músicas e danças de Goa

Ekvat - Group of music and dance of Goa

O Arvi e a família chegaram a Lisboa, vindos de Mumbai, em 1993. A sua adesão ao EKVAT, de corpo e alma, veio enriquecer o grupo em várias vertentes. Com raízes musicais em Goa e em Mumbai, o Arvi integrou o grupo como instrumentista, a Ana reforçou o naipe dos contraltos e as filhas, Anjali e Gabriela, assumiram-se, naturalmente, como dançarinas. Mas a adesão familiar trouxe também uma energia criativa e uma disponibilidade sem limites para apoiar os projetos da Casa de Goa. Mais tarde, o Arvi passou a dirigir o EKVAT e foi sob sua orientação musical que estivemos em vários palcos dentro e fora do país. Os que criaram particulares responsabilidades foram os espetáculos em Goa, Mumbai, Bengaluru e Delhi, e na exposição internacional Encompassing the Globe: Portugal and the World in the 16th and 17 Centuries, na Smithsonian Institution em Washington – os primeiros, porque se tratava do regresso à Terra Mãe para apresentar, orgulhosamente, o trabalho feito na diáspora para a divulgação das nossas raízes, e o segundo, porque estávamos em presença de um grupo de artistas e performers de qualidade e, naturalmente, queríamos deixar a nossa marca.

Em todas as ocasiões, o Arvi foi fiel a si próprio – rigoroso mas ao mesmo tempo dialogante; preocupado, mas sem perder uma pelo menos aparente tranquilidade; entusiasta mas sempre atento aos objetivos finais de autenticidade e qualidade. Foi

Figura 1. É assim que nos lembraremos dele...
This is how we will remember him...

Arvi and his family arrived in Lisbon from Mumbai in 1993 and joined EKVAT, Casa de Goa's Musical Group. With musical roots in Goa and Mumbai, the family

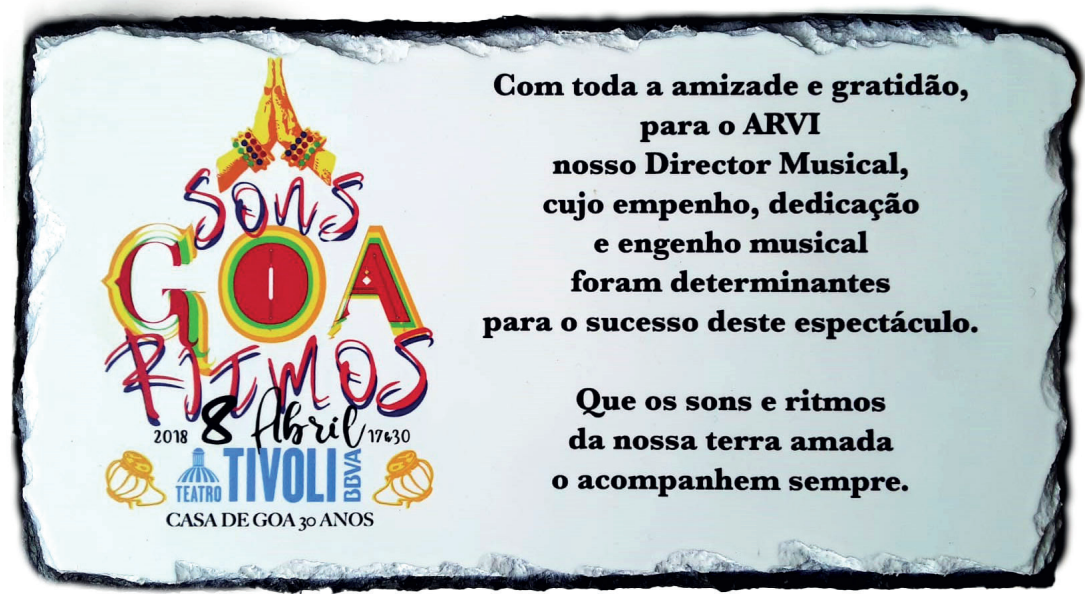


Figura 2. Placa oferecida pelo EKVAT ao seu Diretor Musical
Plaque offered by EKVAT to the Musical Director

também compositor (o mandó Ixttanchó Ugddas, e peças como Matiecehem Bhangar, Vis Vorsam, Fantasia em Dekhnni e Nomoskar fazem justiça ao seu entendimento da música de Goa) e fez arranjos musicais, como no caso da dulpoda Xiô, Xiô Zuana, adaptada para 4 vozes e para integrar o som do movimento das piladeiras.

Já com a saúde fragilizada, envolveu-se totalmente na gravação do CD Argham Diun (Dando Graças), no qual estão incluídos vários dos seus originais compostos para a Missa de S. Fracisco Xavier ao longo dos anos. O Arvi a subir as escadas da Casa de Goa, quase em braços dos seus companheiros porque já estava com muitas dificuldades de locomoção, com uma vontade férrea de fazer a última gravação, é uma imagem que diz tudo sobre ele e que permanecerá nas nossas memórias, sem tirar lugar a outras mais antigas mas igualmente fortes do Arvi em palco, a marcar o ritmo para os dançarinos com a viola e com os seus gritos de encorajamento, a olhar de sobrolho franzido para uns e outros / umas e outras, quando o ritmo esmorecia, a divertir-se (às vezes) com as desafinações nos ensaios, embora outras vezes houvesse desafinações que nao suportava e, sobretudo, a procurar todas as ocasiões para transmitir

enriched the group in several ways - Arvi played the guitar, Ana joined the contraltos and their daughters, Anjali and Gabriela, joined the young dancers. But their arrival also brought creative energy and an endless capacity to help with Casa de Goa's projects. Later, Arvi became the group's Musical Director. Under his leadership, we were on stage on several occasions in Portugal and abroad. The performances that entailed a higher degree of responsibility were the ones in Goa, Mumbai, Bengaluru and Delhi, and in the international exhibition Encompassing the Globe: Portugal and the World in the 16th and 17th Centuries, at the Smithsonian Institution in Washington – the former, because it was the return to our motherland to proudly present how we were preserving our roots in the diaspora and the latter, because we were in the midst of quality artists and performers and, obviously, we wished to leave our mark.

In all circumstances Arvi was true to himself – demanding but simultaneously open to dialogue; concerned but without losing, at least apparently, a certain serenity; full of enthusiasm but focused on the final objectives of authenticity and quality. He was also a composer (the mandó Ixttanchó Ugddas and other pieces like Matiechem Bhangar, Vis Vorsam, Fantasia em Dekhnni and Nomoskar illustrate his understanding of Goan

às gerações mais novas o seu conceito de Goanidade.

Testemunhos

Vamos sentir muito a sua falta. Quando a pandemia nos permitir estar outra vez em palco, não deixaremos de lhe dedicar o Nomoskar com que o EKVAT abre a sua participação para que, na dimensão em que agora está, ele saiba que permanece nos nossos afetos, na nossa música e no nosso trabalho conjunto de continuar a preservar a Goanidade - *Virgínia Brás Gomes*

Não é fácil exprimir alguma opinião sobre Arvi Barbosa. Para mim era a expressão da disciplina, do rigor, do saber e da seriedade. Sempre muito respeitador, liderava pelo exemplo. Mas também era emotivo e doce quando demonstrava orgulho pelo grupo. Já estava a fazer falta por estar em Goa e agora saber que já não está por aqui, ainda é pior. Ficará como exemplo para os atuais elementos e será sempre uma inspiração estando presente a cada representação do seu reportório. Saudades do maestro... - *Ana Paula Guerra*

Desde muito pequeno, assisti aos ensaios do EKVAT com o meu pai e essas são as minhas primeiras memórias do Arvi. Desde essa altura teve muito carinho connosco. O Arvi tinha uma alegria contagiante ao criar e partilhar a música especialmente quanto às suas vivências em Goa. Passados muitos concertos e ainda mais ensaios e convívios aos domingos, foi um mestre que me soube guiar com muita serenidade, calma e generosidade - *André Couto Dias*

Recordaremos sempre com muita saudade os bons momentos que passámos juntos nos ensaios e jantares partilhados aos domingos, após os ensaios do EKVAT, bem como o convívio que tivemos contigo e com a Ana e a amizade que nos liga desde que nos conhecemos. Não podemos deixar de mencionar também todo o contributo e esforço que deste para o enriquecimento do grupo EKVAT, porque querias tudo na máxima perfeição - *Ângelo e Lia Soares*

Desde o primeiro momento que entrei no Ekvat que o Arvi me acolheu de braços abertos. Na altura,

music) and crafted musical arrangements like in the case of the dulpod Xio Xio, Zuana, adapted for 4 voices and to include the sound of the movement of women piling the rice.

Though his health was already fragile he was totally involved in the recording of the CD Argham Diun (Give thanks) that included several of his original compositions for the St. Francis Xavier Mass, held in Lisbon, every year, with the participation of Casa de Goa and EKVAT. Arvi, climbing the steps of Casa de Goa, almost carried by his companions, because he could hardly walk, but with enormous willpower to conclude the final recording session is a true image of who he was and will linger in our memories. But this last image will in no way erase equally vivid previous memories, of Arvi on stage, marking the rhythm for the dancers with his guitar and his shouted words of encouragement, of his frown(s) at musicians and singers when the rhythm slowed down, of him laughing out loud (at times) when we were off key during practice sessions (at other times, he could get quite worked up)! Above all, we will remember how he took every opportunity to pass on to the younger generations his concept of Goanity.

Testimonials

He will be greatly missed but when the pandemic allows us to go back on stage, we will dedicate the piece that opens our performances, Nomoskar, to Arvi, so that, in his present dimension, he can rest assured that he remains in our hearts, in our music and in our collective endeavours to continue to preserve our Goanity - Virgínia Brás Gomes

It is not easy to say something about Arvi Barbosa. For me, he was the symbol of discipline, accuracy, knowledge and seriousness. Always very respectful, he led by example. But he was also emotional and gentle when he showed how proud he was of the group. We have been missing him because he was away in Goa and now that we know he is no longer around, we miss him all the more. He will remain as an example for the members of EKVAT and an inspiration for all our performances - Ana Paula Guerra

I attended EKVAT practices with my father ever since I was little boy. Those are my earliest memories of Arvi. He was always very caring. He composed and shared

optámos por escrever as pautas para as músicas que eram tocadas no grupo, e tal não teria sido conseguido sem toda a ajuda do Arvi para notar as imprecisões de certos detalhes e conferir o maior rigor possível. Além do reportório escrito por ele, a sua liderança dentro do grupo e forma de trabalhar foram cruciais para treinar as novas músicas que iam sendo sugeridas. Tivemos imensos concertos como, por exemplo, o do Teatro Tivoli, e a gravação do CD que são boas lembranças do contributo do Arvi para todos nós - *Artur Couto Dias*

Amigo Arvi, partiste para sempre a saudade e a boa lembrança ficou para sempre nos nossos corações, dos muito bons momentos que passamos juntos - *Avito Ferreira e Sousa*

O maestro e amigo Arvi Barbosa suscita em mim um misto de sentimentos de amizade, reconhecimento e gratidão. Tocando no EKVAT o mesmo instrumento, o Arvi como primeira guitarra e eu como segunda partilhávamos uma linguagem comum. Ensinou-me os acordes para cada uma das músicas quer fossem do cancioneiro de Goa ou da sua autoria, quer fosse mandó, dekhnni ou fugddi. Os ritmos de cada estilo. As ênfases que deveria colocar em cada parte específica de uma música, que podendo ser de um determinado estilo tinham cada uma delas a sua particularidade. Era certamente apreciador de um certo modo de tocar, enraizado profundamente na Goa de antigamente, que continua a ecoar em todos nós como algo doce e único. Tal como ele - *Carlos Dias*

O Arvi foi e será um dos mestres que me mostrou a beleza, o encanto e a magia da música e dança goesa. Muito grata por toda a sabedoria que tão bem transmitiste ao Grupo EKVAT, maestro! Ela viverá eternamente entre melodias, contos e alegrias - *Catarina Guerra*

Não há adeus mais difícil, quando sabemos que é para sempre. Tive o privilégio de participar, como flautista, no Grupo EKVAT, sob a direção do maestro Arvi Barbosa, tendo tido a possibilidade de ir ao encontro das raízes pessoais e musicais, pelo que presto aqui a minha homenagem - *Dalila Alvares*

his music, especially when it reflected his memories of Goa, with a contagious sense of joy. During many performances and even more practice sessions and a lot of shared leisure time on Sundays, he was a teacher who guided me with great serenity and generosity - André Couto Dias

We will remember fondly all the good times we shared during our practices and dinners together on Sundays, as well as the friendship with you and Ana ever since we met. We also want to highlight all your contributions and efforts to enrich our group EKVAT, because your goal was maximum perfection - Ângelo and Lia Soares

From the first moment that I joined EKVAT, Arvi welcomed me with open arms. At a certain point, we decided to write the musical scores for the songs performed by the group. It would not have been possible without Arvi's help. He pointed out to the inaccuracies in certain details and encouraged us to write the music with the greatest possible precision. In addition to his original compositions, his leadership and working methods were crucial for us to practice new numbers. We had many performances, for example, at the Teatro Tivoli, and the recording of the CD, that remain great memories of Arvi's contribution to all of us - Artur Couto Dias

Dear friend Arvi, you have left us forever! We will miss you and treasure the good memories of the many lovely moments we spent together - Avito Ferreira e Sousa

When I think of the maestro and my friend Arvi Barbosa, there is friendship, recognition and gratitude. In our group EKVAT, in which Arvi played the lead guitar with me as second guitar, we shared a common language. He taught me the chords for each of the numbers we played, (whether they belonged to the Goan songbook of mandos, dekhnnis and fugddis or were his own compositions), the rhythms of each style, the emphasis to be given to each part of a piece. The pieces might be of a certain style, but all of them have their own specificities. Undoubtedly, he appreciated a certain way of playing, deeply rooted in the Goa of olden days, that continues to echo in all of us as something gentle and unique. Just like him! - Carlos Dias

Arvi was and will remain one of the masters who showed me the beauty, enchantment and magic of Goan music and dance. I am so grateful for all the knowledge that you shared with the EKVAT, maestro! It will remain forever, among melodies, stories and joyfulness - Catarina Guerra

Através da sua musicalidade, o nosso Arvi desontou o melhor da Goanidade, a alegria de viver. Ficam as memórias, o sorriso e o seu exemplo para as gerações vindouras como embaixador da cultura goesa - *David Vaz*

No EKVAT, no qual participei de 1992 a 2011 com 148 atuações, em Portugal e estrangeiro, tive o prazer de conhecer o Arvi e manter relações amistosas com ele como também com todos os elementos do grupo. Pois foi um dos meus períodos de alegre vivência musical. Agora, ando desalentado com a perda de amigos e a notícia do Arvi ainda mais me entristeceu. Minhas preces para que Deus o tenha na mansão celeste - *Francisco de Sá*

Conheci o maestro Arvi Barbosa em 2002 quando entrei para o Grupo EKVAT da Casa de Goa. Pessoa de fino trato que cativava as pessoas que com ele conviviam e fazendo questão que os elementos que compunham o Grupo fossem uma verdadeira família. Toda esta sua faceta não impedia que fosse um perfecionista, pedindo que todos os componentes do Grupo dessem o seu melhor. Como resultado do seu trabalho em prol da divulgação da música e danças de Goa na diáspora, o nosso maestro Arvi Barbosa também contribuiu para que o EKVAT tivesse convites para actuações não só em Portugal mas também no estrangeiro tendo como pontos altos as deslocações a diversas cidades da Índia incluindo Goa e a Washington. Quero evocá-lo com muita saudade nesta altura em que nos deixou bem como todo o seu legado - *José Henriques*

Ao nosso mentor, maestro e amigo, companheiro de passeios, viagens e concertos, a quem só custaria alguma desafinação, desejo que se encontre num óptimo lugar lá no céu. Saudade da amiga - *Laura Costa*

Matiechem Bhangar (Ouro da Terra), um original do EKVAT, com musica do Arvi e letra da Maria Virginia, é inspirado no trabalho rural das kurumbinas. A coreografia que ensaiei com os dançarinos do EKVAT incluia a participação de elementos masculinos. Após ter sido apresentada pela primeira

There is no good bye that is more difficult than the one we know is forever. I had the privilege of participating as a flutist in the EKVAT, under the direction of maestro Arvi Barbosa. It gave me the possibility to reconnect with personal and musical roots. Today, I would like to pay tribute to his work - Dalila Alvares

Our Arvi brought to the surface the best of Goanity - the joie de vivre – through his musicality! The memories, his smile and his example as an ambassador of Goan culture to the new generations remain with us - David Vaz

I had the pleasure of meeting Arvi and maintaing friendly relations with him and all the other members of EKVAT, during my time with the group, from 1192 to 2011, with 148 performances in Portugal and abroad. It was one of my periods of joyous musical conviviality. Lately, I have been disheartened by the loss of several friends and the news of Arvi's death made me even sadder. I pray that the Lord receives him in the heavenly abode - Francisco de Sá

I met maestro Arvi Barbosa in 2002 when I joined Casa de Goa's group EKVAT. He had a pleasant personality and charmed everyone who came to know him. He was keen to make the members of the group feel that they were a real family. However, this did not keep him from being a perfectionist, encouraging all the members to give their best. As a result of his work in disseminating the music and dances of Goa in the diaspora, our maestro contributed to EKVAT receiving invitations to perform not only in Portugal but also abroad, the highlights being the concerts in several places in India, including Goa, and Washington. Now that he has left us, I wish to remember him with affection as well as his legacy - José Henriques

To our mentor, maestro and friend, companion of outings, journeys and concerts, who was rather sensitive to us singing off-key, I hope that he has found a fine place up in heaven. Missing you, my friend... - Laura Costa

Matiechem Bhangar (Gold from the Earth) is one of EKVAT's original compositions with music by Arvi and lyrics by Maria Virgínia inspired by the rural work of kunnbi women. The choreography I trained together with EKVAT's young dancers included male participation. After having presented it for the first time, Arvi shared with me that his and Ana's original idea for this piece was that it should showcase the work of kunnbi women according to the Goan cultural tradition without male participation.

vez, o Arvi esclareceu-me que na origem da sua criação, pensada por ele e pela Ana, estava implicito interpretar o trabalho das kurumbinas no âmbito da tradição cultural goesa, onde não existe participação masculina. O EKVAT fá-lo em quase todas as suas danças do campo, dadas as poucas oportunidades no nosso reportório para a participação masculina e ainda, por se obter, em palco, melhor resultado visual. Mas o Arvi, concordando com os meus argumentos, não gostaria que nesta peça, assim o fosse. Teve o cuidado de me não dizer nada, nem no dia do ensaio geral, nem no dia do espectáculo, para não quebrar o ambiente de alguma "magia" que só quem participa sente. A sua permanente delicadeza prevaleceu, sem deixar cair o princípio da autenticidade sobre o que, oportunamente me alertou. Alterei a coreografia que hoje é só interpretada por elementos femininos - *Lourdes Elvino de Sousa*

Quando se perde alguém como tu, é muito difícil arranjarmos palavras que façam entender o vazio que sentimos em nós. Foste um grande amigo, ser humano que nos tentou transmitir a essência da Goanidade nos seus valores e tradições. Serás sempre lembrado por tudo aquilo que fizeste - *Luís Lobo*

É com grande apreço e gratidão que presto a minha sentida homenagem ao Arvi, reconhecendo o empenho, o valoroso conhecimento e o património musical de Goa, que o Arvi nos transmitiu e nos deixou. Foi um privilégio participar no EKVAT sob a sua direção, pois a sua sensibilidade e gentileza, o seu contagiante entusiasmo e dedicação e o rigor profissional com que dirigiu o EKVAT durante todos estes anos, enriqueceram-me pessoalmente, e conduziram o nosso grupo a muitos e inesquecíveis sucessos. É com estima que o preservarei sempre na minha memória. Que descanse na paz do Senhor - *Odete Fernandes*

O que dizer sobre o Arvi? Vou repetir o que todos sabem: O Arvi ERA UM HOMEM BOM! Fomos amigos, moramos no mesmo condomínio e por esse motivo tive o privilégio de conviver proximamente com o Arvi. Para além do que é sabido - Instituto Superior Técnico, Universidade na Alemanha onde se

EKVAT does include male participation it in all the rural dances, trying to provide more opportunities for our young male dancers and also for a more enjoyable visual effect on stage. Although he agreed with my reasoning, Arvi insisted that he did not wish it to be so in this dance. He was careful enough not to make any remarks on the day of the general rehearsal, nor before the performance, in order not to intrude on the "magic" that is felt by the participants alone. His usual sensitivity and gentleness prevailed but he did not give up on the principle of authenticity. I later changed the choreography. Today it is an all-female representation - Lourdes Elvino de Sousa

When one loses someone like you, it is very difficult to find the words to express the sense of emptiness. You were a wonderful friend, a human being who tried to transmit the essence of Goanity in its values and traditions. You will be remembered for all your accomplishments - Luís Lobo

It is with great appreciation and gratitude that I pay my heartfelt tribute to Arvi, in recognition of his commitment, valuable knowledge and the sharing of Goan musical heritage. It was a privilege to be a member of EKVAT under his leadership, since his sensitivity and kindness, the contagious enthusiasm and professional integrity with which he conducted the group during all these years, enriched me personally and led the group to many unforgettable successes. He will always be remembered fondly. May he rest in the Lord's peace - Odete Fernandes

What can I say about Arvi? I shall repeat what everyone knows: Arvi was a GOOD PERSON! We were friends and lived in the same building. That is why I had the privilege of being together with him often. In addition to the known facts – Engineering College, the German University from which he got his degree, learning to play the violin in Goa, EKVAT, etc, Arvi was a member of the Parish Council of the Portela Church, studied Theology and, among other tasks, he offered religious assistance to the detained in the Linhó Prison. He had a unique personality. He was a human being with a rare sensibility and a profound Christian faith. He will certainly be happy enjoying well-deserved heavenly blessings. His friends will miss him very much. I certainly do... - Raul do Carmo Costa

A humble tribute to our friend and maestro Arvi Barbosa. I am grateful for all that I learnt from you in these last years. You were always calm, understanding and ready

formou, curso de violino em Goa, EKVAT etc. Arvi participou no Conselho Paroquial da Igreja da Portela, estudou Teologia e, entre outros afazeres, prestava assistência religiosa aos presos da Cadeia do Linhó. Personalidade impar Arvi era um ser humano de rara sensibilidade e de profunda fé cristã. Certamente está feliz gozando merecidas bênçãos celestiais. Nós os amigos já sentimos a sua ausência e a falta que nos faz. Eu sinto e muito... - *Raul do Carmo Costa*

Uma singela homenagem ao nosso amigo e maestro Arvi Barbosa. Neste momento de saudade quero agradecer-te por tudo o que aprendi nestes anos na tua companhia, sempre serena, compreensiva e disponível. Deixaste muitas obras e muitos ensinamentos ao nosso Grupo EKVAT, de música e danças de Goa. Tudo fizeste para que nos sentíssemos em família e assim continuaremos. Serás sempre por mim recordado com muito carinho, respeito e admiração. Até sempre e descansa em Paz - *Rita Henriques*

Arvi com o seu sorriso acolhedor ensinou- me com palavras serenas, mas firmes como deve ser feita a entoação de uma leitura na celebração eucarística e porquê. Penso muitas vezes nisso e essa maneira de ler tem a ver com Goa e com a Índia dos meus antepassados em que começavam o dia numa pala no Mar Arábico rezando a Salve a Nossa Senhora precisamente com a mesma entoação. Foi uma lição de vida, que me fez crescer e compreender mais. Obrigada Arvi - *Teresa Castro*

to help. You left behind a lot of work and teachings on Goan music and dance to our group EKVAT. You did everything possible for us to be a family and we will continue doing so. I will always remember you with a lot of affection, respect and admiration. Rest in peace - Rita Henriques

With his welcoming smile and in gentle but firm words, Arvi taught me the right way to do a reading in the Eucharistic celebration. I often think of how that way of reading is connected to Goa and to the India of my ancestors who began their day on a vessel on the Arabian Sea, praying the Salve to Our Lady with exactly the same intonation. It was a life lesson that made me grow and better understand. Thank you Arvi! - Teresa Castro

Government Frowns And Panaji Drowns

O GOVERNO MENOSPREZA E PANGIM AFUNDA

Joe D'Souza

University Professor (retired) and an Environmental Activist

Professor Universitário (reformado) e Ativista Ambiental

Abstract (*Originalmente publicado no "The Goan" de 14 de Agosto de 2019*)
Instead of increasing surface area to absorb water, we have catalyzed degradation of Panaji by cutting hills, reclaiming water bodies & occupying River Mandovi and its banks.

Resumo (*Originally published in "The Goan", August 14th, 2019*)
Em vez de aumentar a área de superfície para absorver a pluviosidade das monções, catalisamos a degradação de Panaji ao cortar e desmatar as colinas, resgatar aquíferos e apossar-se do rio Mandovi e suas margens.

When I recall the story of "A thirsty crow", we were told that the crow could not drink the water from the jar, because there was water deep down beyond the reach of the crow, and, thus, to quench his thirst the crow very intelligently, threw stones, till the water levels reached high so that the crow could drink and quench it's thirst.

Let us now apply the science and morals attached to this fable, which gave birth to the Archimedes principle and the laws of floatation in an amazingly simple manner.

Now, we also are aware that the whole of Goa is reeling with soil erosion, flooding, destruction and all we do is blame Mother Nature and claim compensation under the Disaster Relief Funds of the government.

Time and tide wait for no man, we all are aware, yet in real life we tend to challenge them both with disastrous results and consequences.

Let us now draw some lessons from the fable of the thirsty crow. The River Mandovi was born to discharge the waters from the hinterlands, catchment hills, plateaus and overflowing aquifers into lakes, ponds and the sea. During high tide, the water from the sea ingresses into the river upstream, with saline waters going further down past the Cumbarjua canal. This gave birth to estuaries, canals and mangroves.

However, during low tide, water from the ponds, estuarine regions and creeks, goes into the sea. Our ancestors build bandhs (sluice gates) to overcome nature's tidal forces and cultivate on the "khazan or saline paddy fields" and develop pisciculture too. However, it was done in an intelligent manner and

Figura 1. Miramar to Dona Paula road

the sluice gates were properly maintained and the forces of tides were not challenged, but the tidal waters were diverted to hold ponds, creeks and transforming streams in to stabilising water holds. Though science has progressed since, Goans have regressed to degenerative levels. We are defying nature and reaping disastrous consequences.

Look at our "development models". All along the riverbank, the Captain of Ports has allowed "Constructions" of buildings to mushroom. The water holding stabilising lakes like the Mala Lake, St. Inez creek and the Rua de Ourem waters of Mandovi are challenged by TCP and CoP by allowing constructions. The entire Patto Plaza and the garbage site near Heera Petrol Pump are reclaimed mangrove site and a water body.

Right from concretization of the fragile Altinho slope, to the reclamation of low-lying area of Miramar, the choking of our drainage system discharging waters, from the hill slopes, and concretised Panjim city is conspicuous.

The entire Panjim planning has been at cross purposes with nature's calling. Low lying areas are reclaimed, drainage system choked, and siltation aggravated.

When you concretise a water body, where will the water go? Panjim itself has been reclaimed from the sea. Now, Mother Nature is fighting to get it back. Not only has CoP allowed the concretization and destruction of the river banks but it is also concretising the Panjim jetty by pilings and filling up the river bed near the jetty with 15 cubic meters of cement for each piling, for the ramps and the terminal building to be constructed on the bed of River Mandovi. Since the pilings for the ramps go 40 meters deep into River Mandovi bed and over 250 of such pilings would be laid in an area just 1oo meters long and 60 meters wide, into the Mandovi Riverbed. Tens of thousands of cement – concrete – would be poured into the Mandovi basin, thus destroying marine gene pool and degrading the porosity and the water holding capacity of the estuarine sediments.

Just as stones were put by the thirsty crow to raise the water levels, the Captain of ports is pouring cement and placing a terminal building over River Mandovi. We must all understand that there are over six huge casinos, with the mass of over several lakh of tonnes, half submerged into River Mandovi.

Figura 2. 18th June road

Where will the water go during high tides, if not into the low-lying regions of Panjim?

During high tides and with incessant monsoon rainfall, there is no other place for the water to flow and find its own level but to enter the low lying venerable and fragile regions of the Panjim, Santat Cruz, Mercês and Caranzalem.

Instead of the scientific ways of allowing water from terrestrial areas of the city to go into rivers; we have alllowed the CoP to force River Mandovi to flow into Panjim and its suburbs of Ribandar, Santa Cruz, Mercês, thus making flooding and drowning of Urban Goa as an endemic "Man Made Disaster". By cutting the Altinho hill slope and constructing houses on the hill slopes we have made Panjim prone to landslides and siltation.

Instead of increasing the surface carpet area of the city to absorb water, we have catalyzed catastrophic degradation of Panjim. We have cut hill slopes, reclaimed water bodies and low-lying areas, choked drains, placed garbage and construction and commercial ventures all along River bank, placed huge vessels in the river, in large numbers and volumes.

We defy nature and expect everything would go as per our own selfish corrupt plans. Instead of going fishing in the sea, we would soon see fish swimming on our city roads. Our TCP and CoP have worked against the forces of nature and we remain silent.

"Our ancestors were more sensible. They respected nature and lived in harmony with it"

- says Scientist **António Mascarenhas**, formerly of National Institute of Oceanography, Goa, while assessing the state of the Goan environment, in an interview with **Óscar de Noronha.**

"Os nossos antepassados tiveram mais juízo: respeitaram a Natureza e viveram de mãos dadas com ela"

- diz António Mascarenhas, antigo o Cientista do Instituto Nacional de Oceanografia, sito em Goa, ao avaliar o estado ambiental do território, em entrevista com Óscar de Noronha.

Original interview in Portuguese accessible at https://www.youtube.com/watch?v=-BvDOm45GCQ
5th episode of Renascença Goa, May 2018

O.N. *– What are the issues afflicting Goa's natural environment at this time?*

A.M. – There are several issues, right from our forest heritage to more serious ones, such as the improper exploitation of our mining resources, the levelling of khazans (wetlands) to build housing complexes; the contamination of our rivers – and now also the attempt to nationalize them, and so on. But to me, the conservation of the dune-beach ecosystems is the most serious issue that exists.

O.N. *– What's the reason for that?*

A.M. – Well, any human action on the landscape results in two types of impacts: reversible or irreversible. Now, the disappearance of the frontal dunes causes the beach to recede, making the coastline much more vulnerable to the action of the sea.

Figure 1. Interview with Dr. António Mascarenhas by Óscar de Noronha.

O.N. *– So, in order to properly address the environmental status of our territory, we must qualify these matters, mustn't we?*

A.M. – For sure! Google Earth shows where Goa stands! Let's, then, do a fly-by, say from our beaches to the Western Ghats, across the khazans that are our rice paddy fields. We will see the kind of impact that the different areas of the territory have suffered. For example, if a forest is destroyed, the system can be rejuvenated; and a contaminated river can be oxygenated; even khazans converted into a housing area is recoverable. But the destruction of the coast is almost always irreversible.

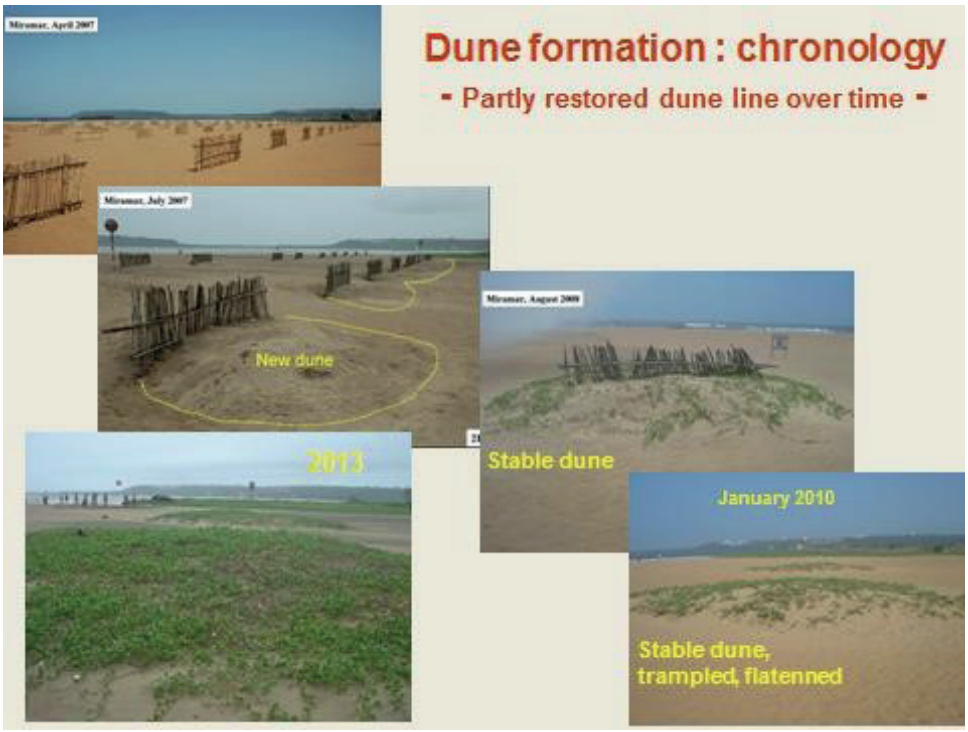


Figure 2. The dune building experiment done at Miramar in 2007: a chronological depiction; this exercise was attempted by Dr António Mascarenhas and facilitated by the Corporation of City of Panjim, Goa.

O.N. – *What examples do you have of this in Goa?*

A.M. – Well, in Sinquerim and Candolim, the beach retreated due the impact of the River Princess ship that was stuck there for twelve long years! The dunes were flattened also to make place for hotels and residences. The fact is that the dunes do not get replenished easily; sometimes the sand takes decades to come back. Of course, to speed up the process, the beach can be nourished, by filling up the affected parts with new sand. This process also occurs naturally during the period after the monsoon, between September and March. For example, in Baga, Morjim and Querim, a sandy tip is formed. The tip is caused by the sand transported by the coastal current that enters the river or estuary, and is then pushed counterclockwise by the sea. Further north, the dunes disappeared to make way for shacks, with the exception of Mandrem, Morjim and Galgibaga…

O.N. – *The case of Galgibaga, in the taluka of Canacona, is different, isn't it?*

A.M. – Yes. This area is protected by the Coastal Regulation Zone (CRZ) law, and is considered a breeding ground for turtles, one of the four sites in Goa. Hence, urban development in this place is completely forbidden. And thus the beach has remained well preserved. But on those dunes, there are small little houses that function as restaurants. The National Green Tribunal has ordered their demolition.

O.N. – *As far as I know, the dune protection in Miramar was one of the first environmental campaigns that you undertook, in 2007, well over a decade ago...*

A.M. – That's right. I was part of the Goa Coastal Zone Management Authority, and am at present a member of the Goa Biodiversity Board. One of the projects we proposed was to save these frontal dunes. Some sites have been indicated where you can replicate that experience of dune reconstruction. Miramar beach is already being considered for this.

And talking of Miramar: here you find a semi-circular sand deposit, in the form of a sand bar, perhaps one of the few its kind in the world. It accretes and gets washed out, and then the sand comes back during the

monsoon. It is an annual phenomenon and has been going on for centuries. The feast of the church of St. Lawrence, on the Sinquerim hilltop, from where you can see the silting, coincides with the opening of the sand bar…. I don't know the connection.

O.N. *– That was one reason why Albuquerque had to wait until the end of the monsoon to win Goa back... Here we see a connection between a natural phenomenon and a historical occurrence….!*

A.M. – That's right. There is that 'tongue of sand' at the site, now known as the Aguada sandbar. Here the navigation channel is very narrow and, after the monsoon, it opens up naturally. Unfortunately, the authorities are thinking of dredging the channel, and that's going to be a real tragedy. Scientist C. S. Murthy has described the functioning of this area. The currents go south to north while on the other side they flow from north to south. On the coast, the currents run from south to north, from Caranzalém to Miramar; and from north to south, from Campal to Miramar. This process is responsible for the formation of the tongue of sand in Miramar. During the monsoon, when the waves caused by the winds from the west reach Miramar, they cause sand erosion; and later, when the good weather returns, the currents get normalized, helping to rejuvenate the beach. This has been an annual process noticed for decades.

O.N. *– And does that protect the coast?*

A.M. – Well, it was wrongly assumed that the coast would be protected with the construction of a barrier or wall made of large basalt stones brought perhaps from Maharashtra. But this wall has caused the beach to disappear and today we only have those stones left there. This human action on the beach has had consequences just in front of the old Medical School. The Campal stream flows out here. At this point a sandbar has emerged, blocking the passage of the said stream.

Figure 3. The characteristic tongue of sand that occurs at Miramar every year: erodes during monsoon and reappears during fair weather.

Figure 4. Despite severe human actions along the beach-dune systems, we also find perfectly stable wide beaches with vegetated dunes as the one at Velção (October 2017, Photo: A. Mascarenhas).

O.N. *– By and large, is the ecology of the capital city at risk?*

A.M. – The danger is not of very great proportions but it is also not something that can be ignored. For example, saline water enters and flows up to where the Fire Brigade is currently located. Despite this, there are many who have an interest in reducing the status of the stream to that of a nullah, a mere drain. The geological maps of the Survey of India of 1965 prove that there is movement of the tidal waters. Therefore, the stream is comes under the purview of special laws relating to the preservation of coastal zones. On the other hand, if it is reduced to the status of nullah, the said area will be outside the scope of those laws.

O.N. *– There was destruction of the dunes when the area of Caranzalém was urbanized... What irreversible effects are we witnessing today?*

A.M. – Well, in the 1990s the Caranzalém swamps began to disappear, which today are the largest urban area located in the wetlands in Goa. Before this, in the 1970s, the largest area that suffered destruction was where the bus terminus of the capital is located. Today, the high-rise buildings there have their foundations as though floating in the groundwater. These waters are now contaminated. All the wells in the city suburbs have no potable water – whereas I have a fresh-water well at my house in the village of Raia.

O.N. *– And for that matter, what is your say on the Mandovi, which is the hope of salvation not only for the capital but also for the territory?*

A.M. – It so happens that the neighbouring state Karnataka, where the Mandovi is born, has been trying to divert the water at the very source. The case is in court. Meanwhile, today, Mandovi's condition is nowhere near the same as that of Delhi's Yamuna or Bangalore's Ulsoor Lake. It is less oxygenated but, fortunately, not only does the monsoon refresh the river but also its connection to the sea neutralizes all harmful influences.

O.N. *– You have been a scientist at the National Institute of Oceanography... What is the relationship between oceanography and the ecology of the hinterland?*

A.M. – Let me explain: The oceans are controlled by the tides twice a day. The water levels rise and fall. The same happens in rivers. In Goa, the impact of the sea is felt up to the remote village of Savoi Verém, in the taluka of Pondá, and up to the village of Macazana of the taluka of Salcete there is appreciable amplitude of tides and saline influx. So, the ocean is connected with the smallest stream. This is confirmed by mangroves, which indicate the presence of saline water. In fact, the area that goes from Cortalim to Macazana, passing through Curtorim and Rachol, has large mangrove swamps. The same can be said of the area between Carambolim and Agaçaim, passing through Azossim,

Mandur and Neurá.

O.N. *– Which is the regulatory authority for wetlands?*

A.M. – Well, it is interesting to note that all khazans belong to our Comunidades (agricultural communities). But presently the recently formed Wetland Authority of Goa is in charge. The khazans function as reserves of drinking water. Hence it is essential that our Comunidades are aware of the issues and assert themselves.

O.N. *– It seems that the mangroves have helped to afforest the territory…*

A.M. – That's right. But this too has to be controlled because mangroves are "colonizers". For example, in Pangim, a mangrove has appeared in an area that was traditionally a salt pan. Likewise, the floodplains at lower levels are now invaded by these trees; and this prevents farmers from cultivating the fields.... These mangroves have engulfed the Linhares Bridge from Pangim to Ribandar and are thus destroying the identity of the historic bridge. And to complicate matters further, there is a garbage treatment plant in the middle of the same mangrove lagoon. These are matters that call for attention.

O.N. *– You are a recipient of the 'Green Heroes' award from TERI (Tata Energy and Resources Institute), New Delhi. You write regularly for the newspapers, popularizing many of the subjects we've talked about today… Is the level of public participation in these matters something that satisfies you?*

A.M. – I'm neither satisfied nor frustrated. For 36 years I worked at the National Institute of Oceanography in Goa, a public funded organization. Salaries are paid by the Public Exchequer; hence my primary duty is to meet the needs of society in general and, in particular, to contribute to the conservation of nature.

Of course, public participation in these matters could have and should have been better.... We have the obligation to know the functioning of natural ecosystems: the functioning of the coast and the hills that are found in the hinterland. But it seems that today we suffer from information overload. There are many who do not read, there are others who read but do nothing, and only a few who do act proactively.

But the important thing is that to have proper planning and coordination between the authorities. To manage these issues, a cross-sectoral approach is indispensable. And there should be no politicking. The whole matter must be treated as a sacred cow: the mangroves, dunes, marshes, tidal areas, beaches are all sacred. They are exclusively under the responsibility of Coastal Regulation Zone I (CRZ

Figure 5. Blatant CRZ violations as observed in Arambol: dune crests are levelled to make place for beach shacks; one of the major reasons for the degradation of sand dunes of Goa (October 2017, Photo: A. Mascarenhas).

Figure 6. Annual erosion of frontal dune faces due to monsoon-induced high sea waves, as seen in Varca. (November 2017, Photo: A. Mascarenhas).

I), but there have been deviations, there have been transgressions…

O.N. *– You've travelled through Europe. What initiatives have you noticed?*

A.M. – For example, in 2007, I visited the University of Algarve, as a fellow of Fundação Oriente. The sand dune systems there have been recreated. On the beach of Tavira, in a part of the marsh called Ria Formosa, there are now long dune areas; these have been artificially reconstituted but work naturally. Some wooden bridges have also been built that help visitors move to the beach without trampling the frontal dune. Faro beach is a good example of conservation of the fore dunes.

We have similar examples In France. The beach nourishment technique is employed for sand restoration purposes, and this controls erosion. Also erection of wooden fences blocks wind borne sand; and over time these sandy deposits become the frontal dunes.

That's precisely what we propose for Miramar Beach. Well, it also helps to have plantations on the dunes: they help stabilize the dunes.

O.N. *– It is obvious that much depends on the political will and public participation in safeguarding our heritage...*

A.M. – Yes, there's no doubt about that. I would be happy if the authorities and the general public were convinced of the great importance of the conservation of natural systems, in particular the coastal area, our beaches and the dunes. These are the first line of defence against the incursions of the sea. If we save the dunes, the population will be saved in the event of an attack from the sea. The tsunami of the year 2004, which devastated parts of Tamil Nadu, has already proven this theory right. I always say that the population was decimated not by the tsunami but by our recklessness in provoking the forces of nature, with construction of urban structures in inappropriate places. In this respect, our ancestors were more sensible. They respected nature and lived hand in hand with it. Thus, from Canacona to Perném, they were always safe and sound.

O.N. *– Well, it was a pleasure talking to you. Thank you for the panoramic view that you gave us on a topic of great importance to our beloved Goa. Thank you.*

A.M. – Thank you! Thank you very much!

Figure 7. Complete destruction of houses by the tsunami of 2004, along the sea front at Tamil Nadu, south India; built on frontal dunes, these structures did not poses any natural protection, and were directly hit by virulent waves (January 2005, Photo: A. Mascarenhas).

Chichundri

Valentino Viegas

Editor Associado e Sócio Fundador da Casa de Goa

Associate Editor and Founder Member of Casa de Goa

Resumo

Chichundri é história de um emigrante que passou a maior parte da sua juventude em Angola e regressou a Portugal nos conturbados anos de 1975, convicto de que as raízes da sua identidade estavam em África. Quando um dia, decorridos muitos anos de vivência em Lisboa, pisou a terra goesa algo de inesperado aconteceu.

Abstract

Chichundri is the story of an emigrant who spent most of his youth in Angola and returned to Portugal in the troubled years of 1975, convinced that the roots of his identity were in Africa. When one day, after many years of living in Lisbon, the Goan land stepped on, something unexpected happened.

O encontro

Concluído o périplo por diversos países, com intenção de escolher o melhor local para desfrutar a maior parte do resto da vida, e tendo anotado, no bloco de notas, as vantagens e desvantagens existentes para se viver de uma forma despreocupada e em sossego, Felizardo desembarcou em Lisboa numa noite fria e chuvosa, acompanhada de vento forte e penetrante.

Nas anteriores viagens pela terra lusitana, realizadas em missões de serviço ou de lazer, fizera amizade com alguns goeses, uns naturais de Goa, outros de ascendência goesa, e também com uns poucos metropolitanos.

Decidido a pesquisar o modo de vida dos goeses em Portugal, logo no dia seguinte, telefonou a um deles e marcou encontro na Rua Augusta, no coração de Lisboa turística[1] .

Achava curiosa a maneira como os goeses viviam na terra lusitana. Embora espalhados de Norte a Sul do país, concentravam-se principalmente na cidade de Lisboa e arredores.

Apercebeu-se de que estavam perfeitamente integrados em termos sociais. Prevaleciam casamentos mistos, entre goeses e metropolitanos, com maior incidência com os da segunda geração.

Ao avistar ao longe o amigo, vindo dos lados da Praça do Comércio, a atravessar o famoso Arco de Triunfo da Rua Augusta e caminhar em passos rápidos em sua direcção, precisamente para o local onde haviam combinado encontrar-se, Felizardo ficou deveras desapontado. Estava acompanhado de um sujeito, de traços somáticos claramente europeus, quando Felizardo havia instado que, naquele encontro,

só pretendia conversar com goeses, sem a presença de não goeses, pois interessava-lhe, sobretudo, ter uma conversa franca e aberta, de goês para goês ou com alguém de ascendência goesa.

Depois de muito investigar por esse mundo fora, tinha decidido que Portugal seria a última etapa dessa pesquisa, antes de fazer a derradeira ponderação sobre a escolha do local onde iria residir em permanência. Era do conhecimento do amigo a razão única do encontro, mas mesmo assim viera acompanhado de um europeu, daí a sua surpresa, incompreensão e desagrado.

Cumprimentou efusivamente o amigo, com um forte abraço, e ao acompanhante deu um aperto de mão, despido de entusiasmo, apenas por mera delicadeza, tão-só para cumprir uma formalidade.

Mais surpreendido ficou quando o amigo lhe disse:

- Reservei três lugares no restaurante, para saborearmos um belo peixe, aqui em plena Baixa lisboeta. Proferidas estas palavras, virando-se para Felizardo, acrescentou:

- Deves estar intrigado, pelo facto de vir acompanhado, mas logo que comecemos a comer o robalo grelhado no carvão, pescado directamente do mar da costa atlântica portuguesa, explico-te a razão de ser da presença deste amigo de longa data.

Pela maneira atraente e engenhosa como o mestre da sala apresentou o peixe aos três clientes, já pronto a ser servido, despertou neles um apetite devorador. O robusto robalo, estendido ao comprido numa linda bandeja, enfeitada com vistosas e tenrinhas folhas de alface, fizeram arregalar os olhos dos esfomeados. A frescura do peixe, visivelmente evidenciada, e a tonalidade da cor da pele, ligeiramente tostada, redobraram o desejo de ser comido. Assim que o diligente empregado serviu o vinho da região demarcada de Douro e se afastou, o amigo do Felizardo justificou a presença do acompanhante.

- Como te dei a entender, na nossa conversa telefónica, a minha história de vida, nada tem de especial, é semelhante à maior parte dos goeses, mas a história deste amigo tem algo de diferente que hás-de gostar de ouvir. Por esta razão tomei a iniciativa de convidá-lo para almoçar connosco.

Levantou o copo para fazer a saudação habitual e prosseguiu:

- Embora pela da cor da pele, demasiado branca, se confunda perfeitamente com os demais europeus, é mais goês do que tu e de muitos outros de pele morena, os tais que hoje dizem ser goeses apenas por conveniência.

Cometi propositadamente a indelicadeza de não mencionar o seu nome quando nos aproximámos, pois tinha a intenção de apresentá-lo da maneira como era conhecido lá em Goa, apenas no meio de um círculo muito restrito de amigos de meninice.

Entre nós os apelidos eram frequentes na cidade de Pangim, capital do antigo Estado Português da Índia. Uns pegaram outras não. Ainda hoje há pessoas que são mais conhecidas pela antonomásia do que pelo nome próprio, outras apenas pelo epíteto, e ainda outras só quando o nome é seguido de alcunha. Umas quantas ficaram confinadas apenas a um grupo restrito de amigos, como é o caso presente, deste amigo.

A alcunha

Não me recordo quem o alcunhou de Chichundri[2] , talvez um dos primos mais velhos. Sou dos poucos goeses em Portugal, senão o único, que, em privado, o trata por esse epíteto e não pelo nome próprio, pois quando procedo dessa maneira mergulho no passado distante e sinto-me regressar à meninice, despreocupado, alegre e feliz. Ao juntarmo-nos os dois, revivemos os doces anos da infância, rimos das partidas que pregávamos às crianças da vizinhança e recordamos as alcunhas de outros amigos de infância.

Para teres uma ideia de como o segredo foi muito bem guardado durante longos anos, informo-te de que só há bem pouco tempo a própria mulher soube que o marido tinha saído de Goa impregnado na massa do sangue daquela alcunha sigilosa, compartilhada apenas por um escasso número de pessoas muito próximas.

Feita a apresentação, pergunto-te:

- Desejas ouvir a história de Chichundri, pela boca do próprio?

Felizardo, depois de se desculpar por tê-lo confundido com um europeu, pois a cor de sua pele era mais clara que a de muitos metropolitanos, pediu-lhe encarecidamente para resumir a sua história de

vida.

Chichundri confessou nunca ter reflectido no assunto, daí considerar ser esta uma excelente oportunidade para tentar seleccionar e sintetizar os aspectos mais relevantes da sua existência, relacionados com a identidade. Advertiu que a exposição seria praticamente espontânea, pois apenas fora informado do motivo da reunião quando estava em plena deslocação em direcção à Rua Augusta.

Iniciou a narrativa dizendo que tinha nascido a 10 de Junho de 1952, no hospital de Ribandar, vila situada a menos de sete quilómetros de Pangim, Goa.

Esse hospital era escolhido preferentemente pelos descendestes, ou seja, por aqueles que se consideravam ser de ascendência metropolitana.

Só há bem pouco tempo tivera consciência do equívoco laborado em relação à sua identidade. Pensava que todos os seus ascendentes eram metropolitanos, mas a recente pesquisa efectuada sobre a sua árvore genealógica revelara que só o avô paterno tinha nascido em Portugal, sendo do resto da Índia e de Goa os outros ascendentes. Por essa razão, o vocábulo descendente não se aplicava à sua pessoa na verdadeira acepção da palavra. Apesar de só há bem pouco tempo reconhecer o engano, considerava-se assim e assim continua.

Como os seus pais tinham influência na esfera do poder, e aquela unidade hospitalar oferecia boas condições terapêuticas, teve o privilégio de nascer naquele hospital de referência, pertencente à Santa Casa de Misericórdia, ao qual os pais tinham acesso.

Ainda hoje, em Portugal, há quem enfatize o facto de ter nascido no hospital de Ribandar.

O pai abrira pela primeira vez os olhos para observar o mundo em Valpoi, pequena cidade do Norte de Goa, situada na divisão administrativa de Satari, e a mãe na cidade indiana de Calcutá, que fora sede da Companhia Britânica das Índias Orientais e chegara a ser capital da Índia Britânica, e onde ganhara o primeiro prémio de pianista em toda a Índia, tendo sido convidada pela sua professora pra estudar música em Londres, mas sofreu o veto paterno.

O modelo educacional adoptado pela sua família não seguia os padrões portugueses, era predominantemente anglo-indiano, porque os seus ascendentes maternos estavam mais ligados à Índia do que a Portugal, onde haviam ocupado cargos relevantes, como o de director dos Caminhos de Ferro de Calcutá, durante a dominação britânica. Após independência da Índia, a maioria deles decidiu permanecer na terra onde havia nascido, chegando o seu tio a comandar as famosas tropas gurcas, consideradas as melhores do mundo.

A caminho de Lisboa

Lamentou o facto de, quando nem sequer tinha atingido uma dezena de anos, por razões sobejamente conhecidas, ter sido forçado a aproveitar o voo de TAIP, Transportes Aéreos da India Portuguesa, e abandonar Goa, a 15 de Dezembro de 1961, vindo a aterrar em Lisboa no dia seguinte.

Era evidente que ninguém lhe pedira para opinar sobre a partida, nem era suposto ser assim, em virtude da sua tenra idade. Os pais tinham decidido por ele sem lhe facultarem outra alternativa. Apenas acatara a resolução dos progenitores.

Na conturbada conjuntura política então vivida, os acontecimentos sucediam-se de forma inesperada e rápida. Sentia-se incapaz de entender as razões subjacentes àquele inopinado comportamento dos adultos.

Não tinha a certeza, mas acreditava que o deviam ter tentado tranquilizar, prestando-lhe esclarecimentos justificativos. Todavia achava que não se podia nem se devia pedir a uma criança, de tenra idade, que alcançasse patamares de raciocínio e de compreensão longe do seu alcance cognitivo por falta do saber acumulado e imaturidade intelectual.

Chichundri fez uma breve pausa na descrição. Bebeu um gole de água e mencionou o segundo choque sofrido em escasso período de tempo, dando ênfase ao factor idade.

Rumo a Angola e regresso a Portugal

Chegando à capital portuguesa, mal tivera tempo para se adaptar às novas condições citadinas ou para criar amigos. Quando tentava aperceber-se sobre aquilo que se passava à sua volta fora informado de nova deliberação tomada pelos pais. Haviam decidido seguir no navio Pátria para Angola, com desembarque

previsto em Luanda no dia 30 mês de Outubro de 1962, ou seja, dez meses após a chegada a Lisboa.

Queixou-se pelo facto de as viagens impostas por razões inesperadas, determinadas pelas contingências de vida, não terem ficado por ali. Devido à alteração profunda das circunstâncias políticas em Portugal e Angola, treze anos mais tarde, em Setembro de 1975, desta vez por sua própria vontade, tomara a decisão de regressar definitivamente a Portugal.

Chegado a este ponto da explanação, Chichundri fez nova pausa. Disse ao Felizardo que iria tratá-lo por tu, por proceder assim com a maioria de goeses. Justificou a metodologia seguida na narrativa afirmando que se obstinara em apresentar a resenha cronológica para salientar que, quando regressou a Portugal, tinha mais tempo de vida em África, mais precisamente em Angola, do que em Goa e Portugal juntos, razão pela qual estava convencido de que a sua identidade prevalecente era africana. Essa ideia, que o acompanhava persistentemente sem ser fundamentada, nascida como fruto de convivência quotidiana com os seus concidadãos em África, foi um dia posta à prova, de forma inesperada, por causa de um jogo de futebol.

Antes de contar o evento, por pretender contextualiza-lo, Chichundri fez nova interrupção para dizer a Felizardo que o seu amigo lhe dera breves informações a seu respeito.

Era do seu conhecimento que, depois de ter saído de Lourenço Marques, jamais regressara a Moçambique. Disse que por ter trabalhado em diversas partes do mundo, em especial na Europa e América, talvez não soubesse que a independência de República Popular de Angola havia sido proclamada pelo presidente Agostinho Neto, de jure e de facto de Portugal, a 11 de Novembro de 1975.

Explicou que na conturbada conjuntura política, iniciada a partir dos finais do mês de Abril de 1974, a situação em Angola tornara-se confusa e as informações recebidas a esse respeito, pelos representantes do Estado Português, eram inseguras e contraditórias. Por essa razão, prudentemente, Portugal se tinha mantido fiel ao acordo de Alvor, assinado entre o governo português e os três principais movimentos de libertação de Angola, MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola). Por falta de informações credíveis, o hesitante governo português só reconhecera a independência de Angola, apenas a 22 de Fevereiro de 1976, depois de oitenta países o terem concretizado.

Após contextualizar o evento de futebol, tido lugar em 1975, em Silva Porto, Bié, Angola, a escassos meses da proclamação da independência de Angola, Chichundri disse a Felizardo que, na altura, trabalhava ao serviço da Direcção Geral dos Desportos de Angola. Por ser bom jogador daquela modalidade desportiva, os organizadores do evento, convencidos de que era angolano, o tinham convidado a capitanear a equipa angolana contra a portuguesa. Nesse momento, fora forçado a tomar uma das maiores decisões de sua vida. Se antes da independência, os atletas jogavam em conjunto sob a bandeira portuguesa, quando já se sabia que aquele território português estava prestes a declarar a independência, foi preciso optar por Portugal ou Angola.

Angola vivia uma mudança política brusca e tumultuosa. Na rápida reflexão que necessitava fazer, precisava de analisar as mais diversas variáveis em jogo e só então tomar a decisão mais acertada. Fosse ela qual fosse, seria sempre de ruptura, por ser irreversível. Na prática, colocava-se a magna questão de definir o caminho a seguir face à escolha de nacionalidade, se portuguesa ou angolana.

Durante a fase do seu crescimento juvenil em Angola, pensara que a sua identidade prevalecente era africana, por ter passado a maior parte da juventude em Angola, mas quando teve de tomar aquela decisão, marcante para toda a vida, ficou surpreendido consigo próprio, pois optou pela portuguesa sem a mínima hesitação, embora tivesse apenas menos de um ano de permanência em Portugal. Pensa que essa atitude se deveu ao facto de os valores mais profundos, incutidos no seu espírito pelos pais, terem vindo prontamente à superfície, aquando da tomada de decisão. Contudo, apesar de ter tomado essa deliberação, os dirigentes de MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, convidaram-no para dar treino militar aos mancebos. Recusou fazê-lo alegando pretender regressar a Portugal.

Sintetizado esse aspecto particular de sua vivência em Angola, Chichundri centralizou a sua narrativa sobre Goa.

A tomada de consciência

Quando regressou pela primeira vez àquela terra, trinta e três anos depois, quase no mesmo dia e hora em que partira para Portugal, visitou, em primeiro lugar, a Escola Primária Massano de Amorim e, no mesmo dia, a sua saudosa casa.

Ao observar os dois imóveis, com os olhos banhados em lágrimas, ao ser tocado pelo seu encanto nas profundezas da alma, e ao aproximar desses dois locais fascinantes de forma emotiva, sofreu um forte baque no coração e teve a nítida sensação de estarem ali depositadas as suas raízes mais sólidas e duradoiras. Viveu aqueles momentos debaixo de grande intensidade, como se tivesse regressado aos lugares que ansiosamente aguardavam a sua presença para o receber de braços abertos. Após tocar nesses dois edifícios icónicos, para si sagrados, dirigiu-se ao Clube Vasco da Gama, símbolo do descobrimento do caminho marítimo para a India, mas as sensações ali sentidas estiveram longe de ter a mesma intensidade da dos anteriores locais.

No presente, ao planear a ida a Goa, vive antecipadamente as doces emoções de bem-estar como se de facto já lá estivesse em pessoa. Nos dias antecedentes à viagem, experimenta uma incomensurável sensação de prazer ao preparar o evento e, quando viaja, vai imbuído de espírito indiano, porque, para si, no presente, Goa também é Índia.

Quando está em Lisboa, sente-se europeu, mas assim que chega a Goa, deixa de se sentir europeu para se sentir indiano. Embora a circulação dos carros se faça pela esquerda e não pela direita como em Portugal, adapta-se de tal maneira àquele mundo, tão diferente do europeu, que conduz sem qualquer problema naquele Estado, dito de trânsito caótico, porque o seu espírito indiano vem ao de cima e ele comporta-se como os demais cidadãos indianos. Vive e comunga com eles do mesmo espírito.

Depois de expor abertamente essas ideias sobre a sua identidade, Chichundri parecia sentir-se aliviado. Denotava que se tinha libertado de um pesado fardo que trazia carregado às costas há muito tempo. Pressentia que se o tivesse feito na roda dos seus familiares e amigos da lida diária, talvez não fosse levado a sério por declarar que se sentia indiano. Caso afirmasse sentir-se apenas goês, aceitariam com toda a naturalidade, mas jamais acreditariam que se sentia indiano. Essa havia sido a primeira ocasião, proporcionada de maneira inesperada, que tivera para se expressar de forma franca e aberta. Agradeceu ao amigo e a Felizardo a oportunidade oferecida.

Antes de regressar a Goa, pensava que as suas raízes estavam em Angola, mas só quando retornou à terra natal comprovou estar enganado e certificou-se de que as suas raízes eram indianas. Sentia isso, cada vez mais, sempre que regressava. Não lhe repugnou confessar que em Angola aceitava o preconceito racista da cor da pele, mas este preconceito jamais lhe passou pela cabeça em relação aos indianos. Essa forma de encarar os indianos representava para ele um nítido sinal de integração.

Tendo sublinhado que as suas raízes eram indianas, Chichundri referiu-se ao cheiro e chamou a atenção de outras particularidades identitárias.

Sempre que pisava o solo goês, os cheiros transportavam-no à infância. O cheiro que brotava da terra quando caía a chuva das monções era tão característico e único que acreditava só existir em Goa e em mais nenhuma parte do mundo.

Os seus amigos podiam não acreditar, mas presentemente não guardava rancor pelo facto de a União Indiana ter invadido Goa, pois achava que Goa pertencia à Índia.

Antes de regressar a Goa, por exemplo, em Angola, rejeitava o picante. Hoje era grande apreciador do picante e da comida goesa. A viragem do seu comportamento deveu-se, em grande parte, ao facto de estar casado com uma goesa, que manteve os hábitos tradicionais trazidos daquela terra.

Através de frequentes viagens efectuadas à terra do nascimento, constara que o fascinante mundo das suas recordações, guardadas em repouso desde que saíra de Goa, tinham estado a hibernar nas profundezas da alma, para amadurarem e se fortalecerem durante os longos anos de ausência. Agora, cada vez que aterrava

naquele solo, sentia o desencadear de novas sensações e a libertação de agradáveis emoções longamente adormecidas.

Dudhsagar

Desejoso de descrever as suas sensações, Chichundri, sem questionar Felizardo, admitindo que ele conhecia a cascata de Dudhsagar, salienta o quanto ela representava para si.

Uma das marcas da sua identidade estava nas cataratas de Dudhsagar, as famosas quedas de água, situadas no rio Mandovi, na parte oriental do Estado de Goa. Com trezentos metros de altura e trinta de largura média são bonitas mesmo durante a estação seca, para se tornarem espectaculares na época das monções, pois exibem-se como se fossem um autêntico mar de leite. Nesse lugar paradisíaco, os progenitores levavam-no ao piquenique.

Quando um dia perguntou ao pai, por que é que olhava fascinado para a floresta e, em especial, para o alto da cascata ele respondeu:

- Vês as nuvens de espuma criadas pela queda de água?

Ao responder afirmativamente, questionou:

- Não parece leite?

Ao reparar no entusiasmo do filho com a coincidência, que lhe tinha passado despercebida, contou-lhe uma pequena história, por si jamais esquecida.

Um poderoso rei, que governava os Gates Ocidentais, era apaixonado por esta cascata. Para melhor desfrutar a sua beleza mandou construir um palácio nas suas proximidades.

A princesa, sua filha, adorava tomar banho no lago produzido pela cascata, onde agora nos encontramos. Tinha por hábito levar consigo um jarro de leite com açúcar, para beber após nadar nesta água transparente.

Um dia, ainda no lago, ao beber o leite, foi surpreendida com o aparecimento de um garboso príncipe. Embaraçada com a inesperada presença, despejou o leite à sua frente. A cortina assim formada impediu o príncipe de a ver nua, dando tempo às criadas de a cobrirem com uma toalha.

Dizem que a partir daquela altura, como tributo ao pudor da princesa, a cascata passou a designar-se de Dudhsagar, vocábulo que deve ter na sua composição dud e sakor, que em concanim significa leite e açúcar.

Sabia que o saudoso pai amava sobremaneira Goa, mas apenas agora, à semelhança do pai, por também sentir Goa vibrar dentro de si, recordava como ele lhe incutira esse amor. A confirmação do seu amor por Goa era evidenciada pelos seus alunos no tom da voz, no olhar e nas reacções. Dizem-lhe que não necessita de declará-lo, pois quando fala sobre Goa assinalam-no o irradiante brilho nos olhos.

E, como quem pretende pôr ponto final à narrativa, confidencia:

- Sabes Felizardo? Um dia um colega meu perguntou-me.

Por que não vais à Serra de Estrela em vez de ir quase todos os anos a Goa?

A resposta veio célere:

- Goa dá-me desmedido prazer interno. É lá que lavo e limpo a minha alma, eliminando as impurezas acumuladas em Portugal. Além disso torna-se-me extremamente difícil deixar de satisfazer o chamamento que vem de longe e me martela os ouvidos todos os dias. Se quiser viver em paz e sossego em Portugal tenho que me purificar nas águas das praias goesas e recarregar as baterias espirituais, para o ano inteiro, respirando o ar de Goa.

Notas

– Este texto fora escrito para fazer parte de um livro, mas foi retirado por não se encaixar nele de forma harmoniosa. É de ficção, qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

– Chichundri deve ser um termo carinhoso criado com base no nome do rato chamado Chichundar, chichundor ou chichundori. Este ratinho tem o corpo muito mais extenso do que largo. O seu focinho é também mais comprido que os demais ratos, assim como a cauda. As informações sobre esse rato foram-me gentilmente fornecidas, em sua casa, na cidade de Pangim, Goa, pelo Prof. Doutor Ave Cleto Afonso, especialista em concanim, língua nativa de Goa.

Lockdown Dilemma

DILEMA DO CONFINAMENTO

Shastri Rodrigues Rebelo

Goa Heritage enthusiast, Varca, Goa

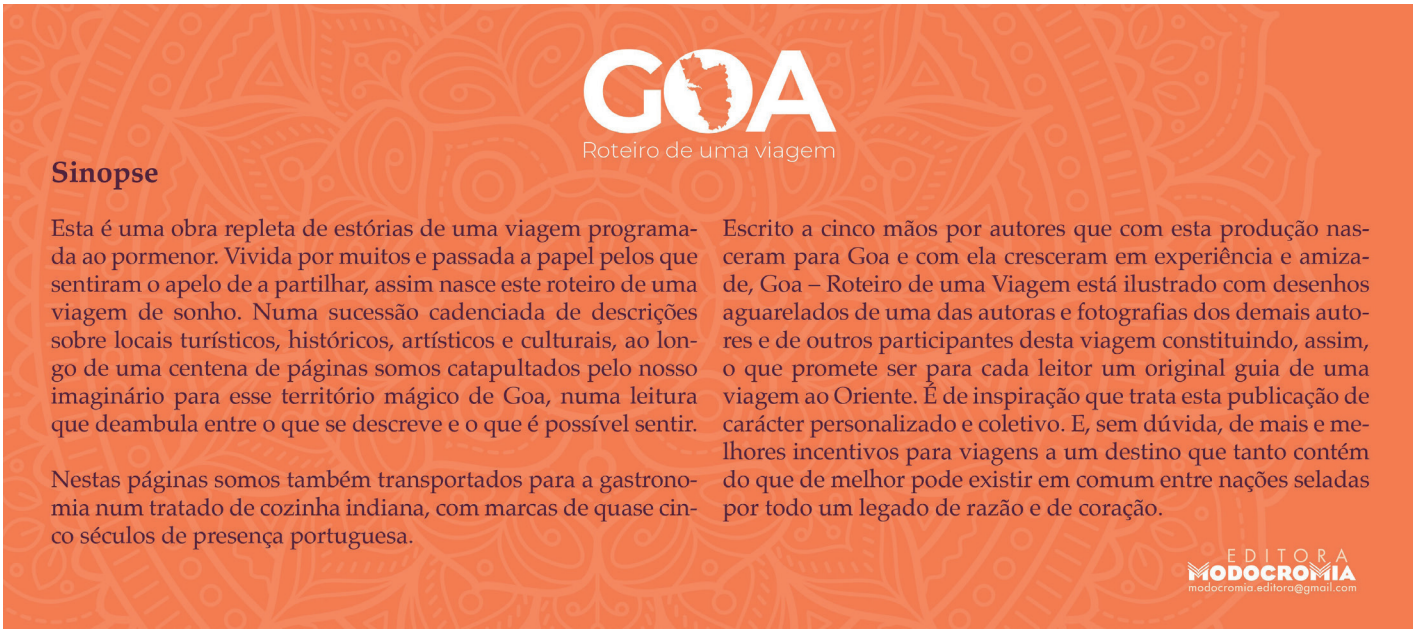
Entusiasta do Património de Goa, Varca, Goa

Oh sea the vast blue sea
Blushing happily in the white sands
Retaining its past glory
Due to lockdown of human race.
The trees and the water bodies with its greenery around regaining its natural beauty
Birds and animals enjoying natures bounty with liberty.
Making the world a paradise again.
Men O Men sitting in the dwelling
Sadly missing the waves
Of the ocean melancholy whispering.
Oh men oh men what have u gained by taking the whole world in your hand
Building castles and monuments all for your greed
Amassing wealth without compassion for the needy
And now a prisoner in your own dwelling
Sitting between four walls
Or in your balcony wondering what went wrong.
The grandeur and wealth in your house nor the money in your vaults
Can overcome your loneliness.
Perhaps the time has come for atonement
To be humble and humane
As the material wealth gained
Is not helping the soul to live in peace
Oh man open up to the celestial fire
Called the conscience
Shed your old skin
Of Arrogance and Pride
Stubbornness and Greed
Rejuvenate
Money cannot increase your last breath for a moment more.
The Queen of the East - The Covid 19
Has made the world its prey.

(*Dedicated to my paternal Avó Filomena on her birthday, 27th April, 2020*)

Livro "Goa - Roteiro De Uma Viagem"

BOOK "GOA - ITINERARY OF A TRIP"


GOA
Roteiro de uma viagem
Sinopse
Esta é uma obra repleta de estórias de uma viagem programada ao pormenor. Vivida por muitos e passada a papel pelos que sentiram o apelo de a partilhar, assim nasce este roteiro de uma viagem de sonho. Numa sucessão cadenciada de descrições sobre locais turísticos, históricos, artísticos e culturais, ao longo de uma centena de páginas somos catapultados pelo nosso imaginário para esse território mágico de Goa, numa leitura que deambula entre o que se descreve e o que é possível sentir.
Nestas páginas somos também transportados para a gastronomia num tratado de cozinha indiana, com marcas de quase cinco séculos de presença portuguesa.
Escrito a cinco mãos por autores que com esta produção nasceram para Goa e com ela cresceram em experiência e amizade, Goa – Roteiro de uma Viagem está ilustrado com desenhos aguarelados de uma das autoras e fotografias dos demais autores e de outros participantes desta viagem constituindo, assim, o que promete ser para cada leitor um original guia de uma viagem ao Oriente. É de inspiração que trata esta publicação de carácter personalizado e coletivo. E, sem dúvida, de mais e melhores incentivos para viagens a um destino que tanto contém do que de melhor pode existir em comum entre nações seladas por todo um legado de razão e de coração.
EDITORA
MODOCROMIA
modocromia.editora@gmail.com

Este livro, escrito a cinco mãos, é de autoria nosso associado João Coutinho, em coautoria com Conceição Zagalo, Constança Vasconcelos, Graça Pacheco Jorge e Ana Bela Mendes, editado pela Modocromia. Será lançado na Feira do Livro de Lisboa e apresentado por Margarida Mercês de Mello.

This book, authored by our associate João Coutinho, in co-authorship with Conceição Zagalo, Constança Vasconcelos, Graça Pacheco Jorge and Ana Bela Mendes, edited by Monocromia. The book will be released at the Feira do Livro de Lisboa (Lisbon book fair) and presented by Margarida Mercês de Mello.

World Goa Day

DIA MUNDIAL DE GOA

Rene Barreto

World Goa Day

O Dia Mundial de Goa é a data em que os Goeses de todo o mundo, jovens ou seniores, se orgulham de celebrar todos as facetas da sua excecional cultura, língua, tradições, artes cénicas, culinária e tudo o que diz respeito a Goa.

É também o dia em que os Goeses, onde quer que estejam, se reúnem para reviver, nas famílias e nos amigos o Património Cultural Goês que é nosso, fazendo eco do que muitos Goeses clamam "Nasci Goês e morrerei Goês". Um verdadeiro Goês tanto em vida como na hora da morte!

As celebrações podem ocorrer em diferentes datas e locais, embora 20 de Agosto seja a data oficial. Isso deve-se, essencialmente, pela incompatibilidade de agenda dos membros. Seja como for, o Dia Mundial de Goa faz reviver Goa em diversos pontos do mundo, lembrando a muitos a sua terra natal.

Este ano, as comemorações do Dia Mundial de Goa foram celebradas no virtual Goanworld.

Contamos com o apoio e a participação dos Goeses em Portugal no nosso Dia Mundial de Goa.

World Goa Day, is a day when Goans worldwide, young and old alike, unitedly take pride in celebrating every aspect of our beautiful culture, language, traditions, the performing arts, cuisine and all things Goan.

It is also a day when Goans wherever we may be come together to reinvigorate in us, our families and our friends our Goan Cultural Heritage, echoing what many Goans say "I was born a Goan and will die a Goan". A true Goan in life as well as in death!

The celebrations may take place at different dates at different places even though August 20 is the official date. This is mainly due to the conflicting schedules of the members. However, World Goa Day brings Goa to life in many parts of the world, reminding many of their motherland.

This year, the World Goa Day celebrations have been celebrated in the virtual Goanworld.

We look to the Goans in Portugal support and participate in our World Goa Day event.

Adenda

ADDENDUM

II Série, Número 5, Julho-Agosto 2020.

II Séries, Issue 5, July-August 2020.

Artigo: Chikal Kalo - O festival da Lama em Marcela, de Celina de Vieira Velho e Almeida
Na página 11, o texto completo deve ser "Vinayak Narayan Shenvi Dhume in his booklet in Marathi Devi Krishna Temple at Marcel, Goa, translated to English by Pranjali Joshi, also confirms…"

Article: The Chikal Kalo - The Mud Festival at Marcela, by Celina de Vieira Velho e Almeida
In page 11, the complete statement should be "Vinayak Narayan Shenvi Dhume in his booklet in Marathi Devi Krishna Temple at Marcel, Goa, translated to English by Pranjali Joshi, also confirms…"